



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CAMILO AUGUSTO SOARES

**“APOSTEI NA COROA E NO CORAÇÃO”: ENREDOS DE ANALISTAS COTISTAS
SOBRE A SUSTENTAÇÃO DE SUAS (FORM)AÇÕES AFIRMATIVAS EM
PSICANÁLISE**

FORTALEZA

2026

CAMILO AUGUSTO SOARES

**“APOSTEI NA COROA E NO CORAÇÃO”: ENREDOS DE ANALISTAS COTISTAS
SOBRE A SUSTENTAÇÃO DE SUAS (FORM)AÇÕES AFIRMATIVAS EM
PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Monografia da Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Borges Leão
Martins

FORTALEZA

2026

Página reservada para ficha catalográfica.

Utilize a ferramenta *online* Catalog! para elaborar a ficha catalográfica de seu trabalho acadêmico, gerando-a em arquivo PDF, disponível para download e/ou impressão.

(<http://www.fichacatalografica.ufc.br/>)

CAMILO AUGUSTO SOARES

**“APOSTEI NA COROA E NO CORAÇÃO”: ENREDOS DE ANALISTAS COTISTAS
SOBRE A SUSTENTAÇÃO DE SUAS (FORM)AÇÕES AFIRMATIVAS EM
PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Monografia da Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Borges Leão Martins

Aprovada em: __/01/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Borges Leão Martins (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dr.^a Vlória Jamile dos Santos Jucá
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ma. Camila de Sousa Ricarte
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Agradecimentos

Início essa seção ciente de que as palavras dispostas aqui não darão conta de em tão pouco espaço contemplar as referências que me fizeram gente, mas seguirei com a tentativa, pois esse é um modo de prestar homenagem a cada pessoa que me sonhou e apostou antes de/em mim, tornando possíveis as fugas, desvios e invenções desenhadas em meu caminho.

À minha ancestralidade, que a violência colonial tentou fazer sucumbir, mas que no cotidiano se mostra viva e cuidando dos meus caminhos ao me fazer encontrar com tantos amores que dão sustentação aos meus passos.

À minha avó, Rita, pelas tardes jogando baralho e por em meio às intempéries da vida insistir em ser um corpo alegre. À minha mãe, Patrícia, por ser a primeira artesã de palavras que conheci, por dedicar a vida para a educação e, através dela, me mostrar que todos os voos são possíveis. A todas as minhas tias, mulheres que me ensinaram a andar com firmeza e sensibilidade. Em especial à tia Gena, por me ensinar a ler; à tia Sílvia, pelas revistinhas de palavras cruzadas que fizemos juntos e me enveredaram em um caminho de paixão pelo que pode a linguagem; à tia Breu, por abrir os caminhos sendo a primeira de nosso núcleo a adentrar o ensino superior; e à tia Feu, pela coragem em se manter encantada pela vida, e por me contagiar com encantamento entre siriguelas e mangas com sal, músicas do Raul Seixas e noites olhando as estrelas.

Aos meus irmãos, com quem aprendi a cuidar, e nesse movimento fui cuidado por eles. Ruan, por se manter inegociavelmente ao meu lado, sendo minha primeira aliança de vida; Victor, por seguir o coração acima de tudo; Cadu, por inundar a vida com risos inadiáveis; e Lipe, caçula que há 15 anos me faz chorar quase todas as vezes em que menciono seu nome, pelo compromisso de manter minha criança viva para que ela sempre se lembre de brincar com a sua.

À minha primeira amizade, Ariane, por ficar. Por ser um lembrete cotidiano de que nem sempre a vida pede ruptura e permanecer também é aposta. Amo todas as nossas memórias, as de ontem, as de hoje, e as de amanhã. Estendo também a gratidão à família de Ariane, por acreditar em mim e me fazer parte do bonito laço que nos une.

Aos movimentos sociais brasileiros, que insistentemente têm mobilizado a criação de políticas de reparação. Ao Programa Bolsa Família, que multiplicado milagrosamente nas mãos de minha mãe me possibilitou a dedicação exclusiva aos estudos, caminho traçado desde o início pelo acesso à educação pública e gratuita. À Lei de Cotas, pautada pelo Movimento Negro junto ao Movimento Estudantil, que referenciou minha entrada em uma Universidade Federal, e a esses mesmos movimentos que encampam rotineiramente a manutenção de medidas de permanência. À política de Assistência Estudantil, encarnada na UFC pela PRAE, que pelo Auxílio Moradia e acesso ao RU, me oportunizou a estadia em Fortaleza e confortou o coração de minha mãe, pois o filho estava saindo de casa amparado.

À casa que primeiro me recebeu em Fortaleza, o C 101 do Parque das Nações, onde tive abrigo para o corpo e para os laços construídos naquele espaço. À generosidade, parceria e cuidado de Zaira, Meire Rosa, Meireanne, Sara, Samuel, Iasmin e Carol.

Aos espaços em que fiz casa na UFC. Ao NUCOM, que mediou meu encontro com a rua, experiência pela qual fui transformado e com a qual sigo reafirmando o compromisso político de não esquecer que é na rua que a cidade ganha vida. Ao povo da rua e suas trajetórias de enfrentamento. No NUCOM me fiz extensionista-pesquisador junto a referências com quem pude aprender-fazendo: Carol, Oli, Anpoca, Fernanda, Lorena, Vilki, Rayssa, Samyla, Natacha, Patrícia, Cadu e Thamara. Também no NUCOM encontrei com quem dividir os campos, seus desafios e alegrias: Lívia, Marcela, Duda, Marina, Victor, Mikael e Liana. Todo esse caminho no NUCOM foi marcado pelo acompanhamento e a orientação de Vevé, que ainda hoje se faz presente em seus cuidados.

Ao CEP do Cuidado, que em minha breve passagem foi o espaço em que encontrei colegas semeando percursos próprios e encontrando terras férteis em seus fazeres clínicos com a psicanálise. Talison, Let, Oli, Katrine e Karol, a aposta de vocês me encheu de fôlego.

Ao VIESES, que me recebeu para sonhar novos passos em coletivo carregados de desejo, em especial ao professor João Paulo, pelo acolhimento. Às graduandas e pós-graduandas que trouxeram outras cores para minha formação. Cito em especial as cores vibrantes e alegres trazidas por Anne (e doutora Lorena, nosso jurídico), Melissa, Cirilo, Levi, Thaís, Stefani e Luiz.

Ao Chão da Praça, extensão que sonhei desde o início, pela coragem de fazer aposta em uma psicanálise questionadora e implicada. Sei que nas mãos de Liana, Isaac, Lelê, Lívia e demais, a psicanálise seguirá respirando. Agradeço muito ao Anael, minha dupla animada, meu obsessivo favorito, pela companhia em aflições e alegrias, desejo que nossos caminhos sigam florescendo.

Ao Coletivo Margem, que na aposta em uma psicanálise marginal, me forma em território, me lembra de olhar a rua e areja minha escuta. Acima de tudo, nas trajetórias de analistas parecidas comigo, mantém acesas as faíscas de encantamento.

Às participantes da pesquisa, que toparam partilhar dores e alegrias do percurso em cotas na psicanálise. Escutá-los e ter acesso a suas escritas mobilizou sonhos, desejo e uma vontade insistente de transformação.

À Brendinha, Mari e Clara, que desde o início do percurso se fazem presentes com o coração pulsante por cada passo. À Camille Riani, por dividir as sinapses comigo e fazer todo momento compartilhado uma alegria. Ao Matheus, por povoar todas as nossas interações com uma vontade colorida de viver. À Anne e Melissa, por serem companhias amorosas e irmãs de caminhada. Ao Cadu (do Pará), por ser uma presença bonita e inesperada providenciada pela

vida. À Lívia, por cada passo partilhado até aqui e pelos muitos sonhos que sei que viveremos.

Ao Caio, vulgo linduxo, que há 4 anos assina comigo enredos de amor, coloridos e versáteis como as suas artes, e com quem sonho uma vida inteira. Meu bem, apostar com você é fazer reza com o coração. É viver cotidianamente a beleza e a sorte de ter onde repousar, e por isso mesmo ter coragem de se colocar em vôo. Obrigado pelos vôos, pela vista do mundo que encontro em seus olhinhos grandes e por todos os mundos que, junto aos seus sonhos, sou capaz de ficcionar.

À professora Vlândia Jucá, por estar presente na banca e por marcar profundamente minha formação com sua serenidade, apontando o caminho de uma psicanálise que brinca. Foi o seu amparo que me deu coragem para brincar, e é brincando que vou fazendo meu caminho. À mestra Camila Ricarte, encontro o qual se deu recentemente, mas produziu muitas afetações pelo seu olhar aguçado e sensibilidade que a sustenta no exercício da psicanálise em um caminho que me inspira.

À Carol Leão, que além de orientadora, supervisora e colega de coletivo, me chama de amigo. Carol significou apoio não somente para essa escrita, mas uma revolução nos modos de transmitir e viver a psicanálise. Apaixonada. Meu compromisso com uma prática viva, encarnada, sempre vai passar pela lembrança da primeira vez em que ouvi Carol falar, e esse movimento é inestimável. Carol, que nossos caminhos sigam se abraçando. Obrigado por acreditar em mim.

Por fim, agradeço ao Carnaval, às escolas de samba e à cultura de rua do Brasil, por abrirem o caminho para que eu encontrasse as partes mais bonitas de mim e, assim, me possibilitam sonhar. Psicanalista. Colorido. Encantado. Vivo.

Assim está lançada a tarefa do encantamento: afirmar a vida neste e nos outros mundos — múltiplos feito as folhas — como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo (Simas & Rufino, 2020, p. 17)

Resumo

O presente trabalho tem como ponto de partida a inquietação nascida no bojo de percursos de formação de analistas cotistas, trajetórias nomeadas dessa maneira a partir da hipótese de que o acesso à transmissão psicanalítica viabilizado por ações afirmativas carrega uma operação simbólica que deixa marcas nos modos de agenciamento de uma formação. Parte-se então da pergunta: Como analistas que experienciam ações afirmativas sustentam um percurso de formação em Psicanálise? Assim, o objetivo geral é investigar as práticas de sustentação de uma formação em psicanálise a partir da experiência de analistas cotistas em Fortaleza – CE. O trabalho ancora-se metodologicamente na invenção propiciada pelos métodos de pesquisa em psicanálise, que estruturam-se pela transferência. O desenho metodológico foi a realização de 3 encontros com participantes que produziram diários utilizados como material de análise, em uma aposta na escrevivência das formações. Os grupos e diários revelaram significações sobre ser cotista que passam inicialmente pelo estranhamento, a inconformidade e a desautorização, mas florescem quando há o cultivo do desejo no coletivo. Também foram evidenciadas as estratégias e complexidades de sustentação da escuta enquanto trabalho, situando este como, além de ofício, um meio de sobrevivência. As pistas enunciadas apontam para uma vivificação da clínica quando esta se desenha enquanto fazer autoral que passa pela comunidade. Por fim, a relação com Escolas de psicanálise denunciou distanciamento e desidentificação, mas indicou também o reconhecimento de que estas ainda constituem espaços de elaboração da teoria entre pares, havendo o desejo de ocupá-las se estas se abrirem à necessária territorialização de seu *ethos*. Ademais, identifica-se a noção de encantamento nesses percursos, à medida que, frente ao precário, se inventam modos de carnavalizar a psicanálise. Portanto, a sustentação de trajetórias cotistas convoca a Psicanálise a resgatar um compromisso ético com a formação que é o lugar da singularidade, produzindo novas posições alinhadas politicamente com as questões de nosso tempo.

Palavras-chave: Psicanálise; Ações afirmativas; Formação; Encantamento

Abstract

This paper takes as its starting point the concern that has arisen in the wake of the training of quota analysts, trajectories named in this way based on the hypothesis that access to psychoanalytic transmission made possible by affirmative action carries a symbolic operation that leaves its mark on the modes of agency in training. The starting point is therefore the question: How do analysts who experience affirmative action sustain a training course in psychoanalysis? Thus, the general objective is to investigate the practices that sustain training in psychoanalysis based on the experience of quota analysts in Fortaleza, Ceará. The work is methodologically anchored in the invention provided by psychoanalytic research methods, which are structured by transference. The methodological design consisted of three meetings with participants who produced diaries used as material for analysis, in a bet on the writing of the formations. The groups and diaries revealed meanings about being a quota holder that initially involve strangeness, nonconformity, and disempowerment, but flourish when desire is cultivated in the collective. The strategies and complexities of sustaining listening as work were also highlighted, situating it as not only a craft but also a means of survival. The clues pointed to a revitalization of the clinic when it is designed as an authorial practice that passes through the community. Finally, the relationship with psychoanalytic schools revealed distancing and disidentification, but also indicated recognition that these still constitute spaces for the elaboration of theory among peers, with a desire to occupy them if they open up to the necessary territorialization of their ethos. Furthermore, the notion of enchantment is identified in these paths, as, in the face of precariousness, ways of carnivalizing psychoanalysis are invented. Therefore, the support of quota trajectories calls on Psychoanalysis to rescue an ethical commitment to training, which is the place of singularity, producing new positions politically aligned with the issues of our time.

Keywords: Psychoanalysis; Affirmative action; Training; Enchantment

Lista de Figuras

Figura 1

Diários de formação que acompanharam a pesquisa (capa)26

Figura 2

Diários de formação que acompanharam a pesquisa (contracapa)26

Figura 3

Façam suas fantasias41

Figura 4

Bairros ocupados pelos analistas cotistas participantes da pesquisa (em roxo) e bairros ocupados pelas instituições de formação em Fortaleza (verde)50

Sumário

Abre-alas: “Prenúncio da sina da minha Escola”	14
Bateria: cadências metodológicas	19
Andamento: a identidade própria de um método de pesquisa em psicanálise	21
Ritmistas: aquelas que manusearam os instrumentos dando ritmo à pesquisa.....	21
Naipes: os instrumentos utilizados para a construção dos dados.....	23
Performances rítmicas: interpretações conjuntas	27
Inovações analíticas: tempos, sujeitos e escritas em transferência	29
Alegoria 2 - “Onde o sonho vira realidade num simples toque das mãos” : ações afirmativas, universidade e psicanálise	30
Alegoria 3 - “Caminhando deixo o sonho me levar”: analistas cotistas entre o trabalho e o ofício.....	41
Alegoria 4 - “Em cada canto sou mais um menino que muda a sorte e sela o destino”: relação com espaços instituídos e possibilidades de construção.....	49
Desfile das campeãs - “Vai ressoar o canto livre, nos meus tambores o sonho vive”: notas para uma formação encantada.....	59
Referências	62
Apêndices.....	69
Apêndice A - Carta aos analistas cotistas: um convite à partilha do que vem sustentando nossos percursos em (form)ações afirmativas	69

Abre-alas: “Prenúncio da sina da minha Escola”¹

Começo esse escrito refazendo o percurso de inquietações que me direcionaram ao sonho e desejo dessa pesquisa. Escrevo o desejo como ponto de partida justamente porque ele, e mais especificamente o estranhamento a ele, que encarnado em mim e em colegas de percurso, produziu as interrogações que compõem o caminho ético e analítico do presente trabalho. Demarco ainda que o caminho desse texto segue os olhos da criança que, na serra de Itapipoca, sem lembrar quando, sem entender o porquê, viu na televisão pela primeira vez o anúncio do desfile das escolas de samba, e desde então tem a vida marcada pelo fascínio pelo universo do Carnaval e do que pulsa enquanto manifestação popular nas ruas do Brasil. Guardo aquele olhar deslumbrado e tímido, reafirmando o comprometimento com o sonho que o Carnaval trouxe para mim naquele dia sem data, mas que se reinscreve cotidianamente em cada passo do meu fazer. Foi com esse olhar curioso, mas reticente, que olhei para a psicanálise. São as mãos daquela criança que apostam na carnavalização do fazer psicanalítico e aqui discorrem sobre as questões da formação.

O trecho que nomeia esse trabalho de conclusão de curso, “apostei na coroa e no coração”, é parte do samba-enredo de 2024 da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, ano em que a agremiação carioca levou para a Marquês de Sapucaí o enredo “Com a sorte virada para a Lua, segundo o testamento da Cigana Esmeralda”. A narrativa, inspirada em um testamento fictício eternizado em um folheto de cordel de autoria do paraibano Leandro Gomes de Barros, se debruça sobre crenças populares ligadas ao destino e às possibilidades de interpretação dos sonhos, que orientam a caminhada daqueles que se põem a acreditar na magia desse documento lido como manual (Cunha, 2023). A sinopse do enredo, elaborada pelo carnavalesco Leandro Vieira, guarda o seguinte trecho:

¹ Verso do Samba-enredo de 2024 da Imperatriz Leopoldinense (Enredo: Com a sorte virada para a Lua, segundo o testamento da Cigana Esmeralda).

Sei de cor e salteado (e foi lendo o testamento da cigana que eu aprendi) que há dias nos quais o azar se põe a espreitar. Por isso, malandro que sou, piso manso pra não vacilar. Espero aquilo que não se antecipa nem se atrasa. O que é meu - a cigana me contou - tem data e hora marcada pra chegar. Tá escrito na palma da mão que a linha da fortuna vai fazer valer o meu corre-corre pra não deixar a peteca cair. Que a linha da vida é forte e que a linha do amor é fino traço, quase corda bamba, onde é bom se equilibrar com a expectativa de não cair, enquanto espero que pinte aquele sorriso que vai pintar a vida que eu quero (e que todo mundo quer) de rosa (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro [LIESA], 2023, s. p.).

Escolho esse enredo para guiar a trajetória dessa escrita, pois ser convocado em ética e ofício pela psicanálise, tendo como marca na história de vida o desencanto causado pelas desigualdades sociais, é ocupar uma difícil posição de sustentação de dobra nas linhas do destino, quando o que estava traçado era o afastamento desse lugar. “Se equilibrar com a expectativa de não cair” ganha certos contornos nos trâmites incertos de uma formação em psicanálise, pois a ausência de garantias e manuais radicalizam em último grau o significante “apostar”.

A coroa e o coração aqui representam, a meu ver, dois eixos que estruturam o caminho de um percurso psicanalítico: o investimento financeiro exigido para a formação, que tem como signo a coroa, representante de um poder externo ao qual se submete para buscar autorização; e o desejo que mobiliza analistas em formação como aquilo que resta de suas travessias pessoais com o inconsciente, ilustrado pelo coração, figurativo de um percurso singular que pede passagem. O lugar de aposta na coroa e no coração, na especificidade do grupo ao qual essa pesquisa se direciona, diz de um movimento que considera de antemão que para seguir os intentos desse coração que deseja, é preciso prestar contas com uma coroa. Mas a questão é complexificada quando, mesmo na presença de uma disposição a bancar esse

lugar para onde o desejo aponta, não se encontra referência para ancorá-lo, tornando-se refém de uma entidade invisível que abdica de indicar um caminho, mas se presentifica na condenação de rotas desviantes. É pelo caminho do desvio que as trajetórias formativas apresentadas neste trabalho serão situadas, desde a sua concepção.

Posicionando o que pode se chamar de um início comum para as componentes dessa pesquisa, se perceber interessado pela psicanálise é um momento curioso para aqueles que, como nós, a encontram no percurso da graduação em psicologia, sobretudo no âmbito das universidades públicas. A peculiaridade da transmissão psicanalítica no contexto universitário, revestida de mistérios e códigos, é capaz de produzir na mesma medida interesse e interdição, desejo e resistência, como é de se esperar do encontro entre dois discursos distintos: o da psicanálise e o da universidade. Esse lugar ambivalente é potencializado na experiência de estudantes oriundos de escolas públicas e que ingressam no ensino superior via Lei de Cotas (*Lei n° 12.711, 2012*), pois se deparam com um aparato teórico-clínico eurorreferenciado que “consentiu em tomar o branco como padrão” (Braga & Rosa, 2018, p. 91), se distanciando de um terreno que possa ser pisado por pés que dançam nas margens sociais e que entram em contato com a psicanálise a partir desses passos.

A reivindicação de um lugar de operação da psicanálise mesmo nesses termos é o que alicerça a sugestão de nomear esses percursos em torno do significante “analistas cotistas”, pois é um movimento que parte da hipótese de que o acesso à transmissão psicanalítica viabilizado por uma política de ações afirmativas carrega uma operação simbólica que deixa marcas nos modos de agenciamento de uma formação em psicanálise. É nesse sentido que clivamos parênteses nas formações, fazendo nascer “(form)ações afirmativas”, um acesso em cotas que fornece condições de significação para uma formação, sem reduzi-la em mérito, numa costura que tem linhas de dor, desamparo, violência e interdição, mas que

corajosamente se mantém bordando e bordeando cores de desejo, resistência, criação e vida, mantendo acesa a tarefa de, cada um a seu modo, carnavalizar a psicanálise.

Para esses estudantes, grupo o qual compoño, a ideia de tomar a psicanálise como objeto de estudo, fazer nossas fantasias a partir dela, parece estranha, visto o emprego de um dialeto psicanalítico que se distancia da realidade experienciada nas periferias urbanas, nos interiores do estado e na sociabilidade que constitui os sujeitos até chegar à universidade. Todavia, algo insiste, e aqui traço um paralelo com o que Kilomba (2019) afirma como “uma fome coletiva de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa história escondida” (p. 27), ao discorrer sobre a possibilidade de corpos negros se enunciarem a partir de suas próprias narrativas, fraturando discursos reducionistas sobre suas experiências.

No contexto em que esse trabalho se debruça, a história escondida começa a ser reescrita a partir do acesso de estudantes cotistas às universidades, ambiente que não comporta a garantia de uma formação em psicanálise, mas sem dúvidas oportuniza o início de muitas delas (Rocha et al., 2025). Algo insiste porque o contato com a teoria não pode e nem deve passar ileso pelo corpo, e ambos, teoria e corpo, devem ser transformados por esse encontro. É por isso que não se pode esperar que a psicanálise siga a mesma após a Lei de Cotas. Uma vez que ela está inserida em grande parte dos currículos universitários, apesar dos saberes e discursos distintos (Pereira & Kessler, 2016), a psicanálise é convocada a reinventar seu lugar no mundo e o lugar do mundo em seu corpo, pois a fome coletiva de ganhar a voz também se expressa no desejo ardente de ocupar o lugar de corpo que escuta.

Mas que corpos têm condições de pagar o preço dessa formação? Com quantos reais se forma um analista? Essa parece ser uma questão polêmica, pois como atrelar a qualidade de uma formação ao investimento financeiro dos aspirantes a psicanalistas? Entretanto, esse movimento remonta a uma questão mais fundamental: o que é uma formação em psicanálise? Esta traz consigo discussões que tocam sobretudo na continuidade, em uma prerrogativa ética

do analista nunca terminar sua formação. Todavia, para o escopo dessa investigação, talvez seja mais frutífero deslocar a problemática do fim da formação para o início. Em que momento se autoriza a nomeação de uma trajetória formativa? Qual o ponto de partida do tornar-se analista? Visitar essas perguntas é também tocar em pontos basilares da relação entre psicanálise, universidade, instituições de formação e sociedade.

Nessa perspectiva, desde Freud (1919/2010) se discute as (im)possibilidades de uma formação em psicanálise na universidade, debates estes ainda relevantes na contemporaneidade, sobretudo em meio a tentativas de regulamentação e cursos com promessas de certificação a partir de uma grade curricular (Alberti et al., 2009). Estes atalhos têm por fim não a produção de desvios, mas o encaixotamento da formação em um molde arbitrário, excludente do desejo. Porém, o modo como se articula o panorama de transmissão psicanalítica no Brasil não pode de modo algum ignorar a contribuição das universidades, em especial das universidades públicas, para a difusão da Psicanálise, seus conceitos fundamentais, e principalmente a ventilação do desejo de psicanálise (Figueiredo, 2012). Sendo assim, é imprescindível pensar a formação a partir desse cenário em que, se ainda não existe uma democratização plena, o acesso tem sido ampliado. Partindo dessa ampliação, que movimentos balançam a formação em psicanálise na interface com a universidade? Como a presença de estudantes cotistas aspirantes a analistas em formação incide sobre essa questão?

Longe da intenção de homogeneizar os percursos, mas fazendo uma aposta de que existe um fio que dá contorno coletivo aos estranhamentos e retornos, os desvios e pontes feitos entre os analistas cotistas e a disciplina psicanalítica para permanecerem mutuamente porosos, me referencio pela noção de encantamento defendida por Simas e Rufino (2020). Para os autores, que fundamentam uma episteme das ruas, encruzilhadas e festas populares, o encantamento diz da engenharia de tecnologias de vida frente a espaços de negação da existência, um desmantelamento da necropolítica pela via da invenção cotidiana do viver

(Simas & Rufino, 2020). Considero o percurso de cotistas que insistem em seguir uma formação em psicanálise um desses redimensionamentos das linhas do destino, e opto por nomeá-los de faíscas de encantamento, me aliançando com Rocha et al. (2025) quando de forma bonita afirmam que o desejo, no início de suas formações, aparece como fagulha. Metáforas que incendeiam o gélido arcabouço da psicanálise, ao invés de apenas requeimá-lo como ocorre vez ou outra. São as faíscas e fagulhas que viabilizam o desenho de uma clínica em brasa que convoca a teoria a conversar com o corpo, a rua e a cidade. Assim, rego as sementes plantadas por Veras (2025 [no prelo]) e defendo a ideia de “práticas de sustentação” apresentada pela autora em sua dissertação, aplicando-a no contexto do percurso formativo desse grupo de analistas, na medida em que estes arquitetam modos inventivos de criar e sustentar uma vida dentro de um determinado contexto antes negado, no caso a práxis psicanalítica.

Dado o exposto, serão articuladas a partir daqui as reverberações que, partindo de uma angústia individual, encontraram força numa movimentação coletiva, que colocou na avenida a pergunta de pesquisa: Como analistas que experienciam ações afirmativas sustentam um percurso de formação em Psicanálise? Dessa forma, esse trabalho tem por objetivo geral investigar as práticas de sustentação de uma formação em psicanálise a partir da experiência de analistas cotistas em Fortaleza - CE. Ademais, os objetivos específicos consistem em: 1) Mapear as significações de ser cotista no contexto da formação em Psicanálise; 2) Identificar as práticas de sustentação do trabalho com a clínica psicanalítica; 3) Traçar a relação de analistas cotistas com as instituições de formação psicanalítica; e 4) Desenhar possibilidades de formação cultivadas no encantamento da teoria e da vida.

Bateria: cadências metodológicas

Lopes e Simas (2023) definem a bateria como “o grupamento da escola de samba (considerado como uma das “alas técnicas”) que constitui a orquestra de sustentação do

desfile” (p. 30). A bateria, nesse sentido, é o quesito que se presentifica do início ao fim do desfile, e seu funcionamento é basilar para um bom desempenho da escola, pois é no ritmo dela que a escola evolui, ou seja, passa pela avenida. A bateria direciona o corpo da escola, é sem dúvida um dos elementos de vida de uma agremiação, e se associa diretamente ao enredo e ao samba enquanto elementos fundamentais para a escola contar a história, demarcando também uma identidade própria. Por isso, a metodologia será apresentada enquanto bateria do enredo dessa pesquisa-desfile, pois representa o toque que dá orientação para cada passo.

Os aspectos metodológicos estão divididos em tópicos que representam aspectos fundamentais da pesquisa. A nomeação destas subdivisões referem-se a elementos presentes nas baterias das escolas de samba, e podem ser consultados no Dicionário da História Social do Samba (Lopes & Simas, 2023). Em primeiro lugar, é apresentado o andamento, ritmo que cada bateria imprime em seu toque, diz respeito então a uma identidade que diferencia a singularidade da escola, e aqui se debruça sobre a especificidade da abordagem metodológica de uma pesquisa em psicanálise. Em seguida, são apresentados os ritmistas, componentes da escola que tocam na bateria. Se a bateria é o coração da escola, é nesses corpos que ele pulsa, e aqui posiciono como ritmistas as participantes da pesquisa. Depois, trago à tona os naipes, divisões de instrumentos dentro da organização da bateria que permitem um contorno dos sons produzidos quando tocados coletivamente, sendo formados por instrumentos com funções rítmicas semelhantes. Os naipes representam os processos de construção dos dados da pesquisa. Logo após, vem a performance, que nomeia o momento em que os instrumentos se unem em seus ritmos, dando forma para o aspecto coletivo da bateria. A performance se trata da descrição dos encontros da pesquisa, em que os ritmistas-colaboradores se reuniram para a produção de uma batucada. E por fim, as inovações, que são definidas como “artifícios de interpretação” (Lopes & Simas, 2023, p. 32) que possibilitam a elaboração de novos moldes para o uso dos instrumentos partindo das performances. Finalizo então com o que chamarei de

inovações analíticas para me referir aos processos de análise das enunciações presentes no decorrer do material de pesquisa.

Andamento: a identidade própria de um método de pesquisa em psicanálise

Fazer o esboço metodológico de uma pesquisa em psicanálise é uma tarefa um tanto desafiadora, visto que um método consiste no caminho que o pesquisador escolhe para “dar conta” de suas questões de pesquisa, e as investigações em psicanálise têm como premissa justamente a impossibilidade de uma captura total do discurso, restando sempre uma questão. Essa discussão é apresentada por Miriam Debieux Rosa nos seguintes termos:

A psicanálise tem como premissa a superação do discurso produzido pela consciência; que é um campo de saber sustentado pela verdade do sujeito, o que não gera certezas ou generalização; e que considera que, no campo de investigação, o pesquisador sofre também os efeitos das descobertas, entre outras questões (Rosa, 2004, p. 331).

Assim, demarca-se a indissociabilidade entre pesquisa e intervenção no âmbito da psicanálise (Rosa, 2004), uma vez que observa-se a produção de efeitos em ato na pesquisa, inclusive desvelando sujeitos e métodos no caminho. É nessa perspectiva que, alinhando-se com Poli (2008), afirma-se que todo processo de pesquisa em psicanálise reinventa a própria questão da pesquisa psicanalítica. Ou seja, ao se deparar com um problema, inventam-se maneiras singulares de produzir respostas a essa inquietação, o que envolve processos transferenciais com o campo, implicação do corpo do pesquisador e também o lugar ocupado em uma conjuntura histórica pelos sujeitos envolvidos nesse movimento.

Ritmistas: aquelas que manusearam os instrumentos dando ritmo à pesquisa

Em meu fazer pesquisa, composto de muitos outros fazeres, como as histórias de colegas desejantes e uma cuidadosa orientação, apostou-se na construção de um grupo com analistas cotistas, pois esse encontro comporta significações políticas que movimentam

sistemas de autorização, possibilidades de elaboração de discursos e também coloca em cena a própria relação destas com o saber inconsciente.

O grupo se compôs a partir de convites direcionados, considerando a transferência do pesquisador com as participantes. Para Elia (1999), é preciso situar a pesquisa dentro da experiência analítica, e como tal, a transferência deve aparecer como condição estruturante e estrutural de uma metodologia. Uma carta foi escrita e endereçada a cada uma das participantes, nomeada de “Carta aos analistas cotistas: um convite à partilha do que vem sustentando nossos percursos em (form)ações afirmativas” (Apêndice 1), inspirada na “Carta aos jovens analistas periféricos”, produção de Gabriel Baessa (2024) que teve grande relevância na composição dessa pesquisa.

Considerando o conhecimento prévio sobre parte da trajetória do grupo, objetivou-se reunir uma multiplicidade de experiências cotistas, que abrangeram as ações afirmativas na graduação (9 participantes), na pós-graduação (1 participante) e em espaços de formação propostos por instituições de psicanálise (2 participantes). Ao todo, 12 participantes, incluindo os pesquisadores, compareceram aos 3 encontros durante o mês de agosto de 2025, com uma média de 11 participantes por encontro. O grupo foi composto por 10 mulheres cisgênero e 2 homens cisgênero, com faixa etária de 22 a 35 anos. Quanto a aspectos raciais, o grupo foi formado majoritariamente por pessoas negras, mas também contou com a presença de pessoas brancas. Essa composição heterogênea não deixou de lado as discussões sobre as vivências de racialidade no percurso da formação. Todas as participantes iniciaram seus percursos formativos a partir do curso de Psicologia. 11 participantes haviam cursado ou estavam cursando psicologia em uma instituição pública (UFC, nos *campi* Fortaleza e Sobral) e 1 participante havia se graduado em uma instituição privada. 8 participantes tinham experiências clínicas exclusivamente com estágios e extensões e 4 participantes já exerciam a clínica enquanto trabalho e meio de subsistência.

Naipes: os instrumentos utilizados para a construção dos dados

No bojo das inquietações dessa pesquisa, pelo entendimento de ser uma problematização coletiva, optou-se por uma metodologia que produzisse primeiramente o encontro entre a diversidade de experiências formativas marcadas por ações afirmativas, através de grupo, e que mobilizasse também a escrita dessas trajetórias, apostando em um modo de registro que, em ato de escrever (Evaristo, 2020), abre caminhos de subversão da linguagem sem perder seu caráter político (Bispo, 2023).

A questão dos encontros em grupo buscou afirmar uma faceta da formação em psicanálise presente desde o trabalho dos primeiros analistas (Broide, 2022), mas que por vezes é capturada e negada pela invasão do neoliberalismo nos espaços institucionalizados, que se trata da reunião de grupos baseada na transferência de trabalho. Como resgatado por Emília Broide, o desenvolvimento inicial da psicanálise passa pelas trocas de correspondências entre analistas e também por encontros semanais nas chamadas Reuniões Psicológicas das Quartas-Feiras.

Esses encontros marcam a passagem do amor transferencial ao desejo de saber. Laço que unia os integrantes do seletivo grupo à construção da clínica e da teoria, a partir da experiência psicanalítica, que também era composta pelas narrativas das experiências pessoais dos participantes. (...) Insistimos aqui que essa experiência psicanalítica foi tecida em grupo, sob forma de compartilhamento da solidão em comum – que ocorre no exercício da práxis psicanalítica – junto a outros. A transferência fez laço entre os participantes das reuniões das quartas-feiras na construção da psicanálise e na formação dos primeiros analistas (Broide, 2022, pp. 74-75).

Considerando que a própria elaboração teórica da psicanálise em seus primeiros passos é marcada por uma construção compartilhada, com espaço para o novo que se faz a partir da dissidência de ideias e da singularidade de percurso de cada analista, dando notícias

também de uma expansão do próprio conceito da formação, propor um grupo que acolhe vozes polifônicas se encontrando em uma trama discursiva (Fernandes & Hur, 2022) se mostrou alinhado aos objetivos da pesquisa. Dessa maneira, a formação de um grupo com analistas cotistas não tentou engessá-las numa significação única do que seria uma trajetória em cotas, mas abrir espaço para a produção de enredos autorais sobre como cada uma sustenta esses percursos, amparadas por uma “pluralidade transferencial que o coletivo promove” (Broide, 2022, p. 76) .

A respeito da escrita partilhada em coletivo, essa também é uma estratégia relevante que esteve presente na consolidação das técnicas psicanalíticas. Novamente referindo-se às Reuniões Psicológicas das Quartas-Feiras, Broide (2022) apresenta a função das atas, registros escritos feitos por membros do grupo, qual seja:

nos possibilitam examinar a experiência grupal nos primórdios da psicanálise: do amor ao mestre encarnado, em sua faceta imaginária, gerando efeitos de ruptura, rivalizações e disputas, ao desejo de saber, no qual algo das discussões foi transmitido e passou de resto à causa de desejo, presentificando a psicanálise no mundo (p. 75).

Me ateno a esse lugar de presentificação do grupo que se faz através do registro escrito, e aqui ao invés de atas, foram inventados diários de formação. Além de constituir um modo de construção de arquivo, a escolha de diários como elementos protagonistas da pesquisa passa também por um lugar de autorização discursiva à elaboração e disputa da memória dos percursos formativos, tantas vezes marcado pela negação e pela desconfiança. Nesse contexto, mencionar produções escritas que, resgatando o samba da Imperatriz Leopoldinense, “apostam na coroa e no coração”, e “sonham a vida feito carnaval”, mesmo em meio a tentativas de desencantamento, em especial em um grupo majoritariamente composto por mulheres negras, só pode ser um ato referenciado na escrevivência de Conceição Evaristo, griô da escrita e que merecidamente será homenageada em 2026 pelo

Império Serrano. A autora desenha no desejo e na invenção a escrita de novas linhas no destino, declarando: “As solicitações para essas escritas fugiam à minha experiência, mas eu inventava. Ficcionalizava somente a partir do desejo, inventava para escapar daquilo que me era interdito” (Evaristo, 2020, p. 33). Ademais, a experiência de diários-escrevintes, metodologia criada por Soares et al. (2024), também referencia os diários de formação, na medida em que “propõe uma experimentação da escrita que nasce da vida, das lembranças e das experiências entrelaçadas à ficção” (p. 33).

Tendo justificada a potência da escrita no cunho dessa investigação psicanalítica, apresentarei como se deu o seu uso no decorrer da pesquisa. Os diários consistem na fonte primordial de material de análise, neles contendo registros dos encontros e elaborações propostas com base nas discussões conduzidas em cada grupo. Os participantes foram convidados a escolher um diário de sua preferência, que estavam decorados na capa com os pavilhões (ou bandeiras) de 12 escolas de samba, 11 do Grupo Especial e 1 da Série Ouro do Carnaval do Rio de Janeiro (Figura 1). Essa escolha também determinou os nomes fantasias pelos quais as colaborações escritas das participantes serão designadas. As escolas-diários representadas foram: Beija-Flor, Grande Rio, Imperatriz, Viradouro, Portela, Mangueira, Salgueiro, Vila Isabel, Tijuca, Tuiuti, Mocidade e Estácio. Na contra-capa dos diários, um trecho de samba-enredo foi anexado, como um desejo de que aqueles versos embalassem o percurso (Figura 2). A proposta foi de que os diários fossem utilizados para registros de anotações durante os encontros, pontuando o que chamava atenção nas discussões, e entre um encontro e outro o diário era utilizado para as produções textuais propostas, que variava em gênero e tema, passando entre narrativas de memória, cartas e ficção. Ao início de cada encontro, os participantes eram convidados a intervir nos diários uns dos outros e identificar essas intervenções com o nome das escolas que tinham escolhido para os seus próprios diários, variando entre destaques, sublinhados, perguntas e mensagens. Com isso, os diários

diziam não apenas de uma formação, mas a partir da pluralidade transferencial promovida pelo coletivo passaram a transitar entre histórias, partilhando significações sem apagar a alteridade.

Figura 1

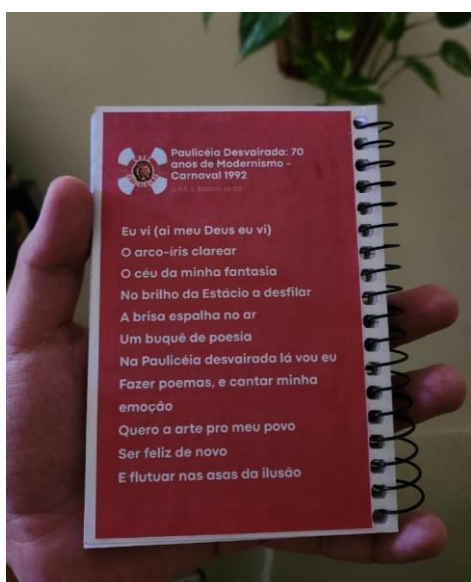
Diários de formação que acompanharam a pesquisa (capa)



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2025.

Figura 2

Diários de formação que acompanharam a pesquisa (contracapa)



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2025.

Performances rítmicas: interpretações conjuntas

O primeiro encontro, ocorrido em 13 de agosto de 2025, mobilizou 11 participantes, incluindo a mim e minha parceira de pesquisa. Nele, a pesquisa foi apresentada, assim como os aspectos metodológicos que cadenciariam os encontros a partir dali. Na composição da sala, os diários foram dispostos em cima de tecidos decorativos, e ao redor deles as cadeiras foram colocadas em círculo, de modo a suscitar a construção de um espaço colaborativo e horizontal, uma vez que cada uma contribuiu como sujeito produtor da pesquisa em tempos diversos. Feitas as apresentações iniciais da pesquisa, as participantes foram convidadas a escolherem um diário para lhe acompanhar no percurso do grupo, sabendo de antemão que os escritos seriam partilhados com o coletivo. Por ser o primeiro contato entre o grupo, foi proposta uma apresentação breve, e o mote para “quebrar gelo” foi que falassem o nome e junto respondessem como se deu o encontro com a psicanálise. O tempo usado para a partilha das trajetórias se estendeu até atingir o limite do horário combinado para o grupo e a discussão contemplou o que havia sido planejado para a interface da psicanálise com a universidade. Ao final do encontro, houve a primeira proposta de escrita, cuja produção textual livre que deveria ser situada a partir da provocação: “Por onde passa a sua relação com a psicanálise?”. Assim, o planejamento com enfoque na enunciação das trajetórias se alinhou com o primeiro objetivo da pesquisa, de mapear como a experiência de ser cotista significa e é significada no percurso de formação em psicanálise.

O segundo encontro aconteceu na quarta-feira seguinte, dia 20 de agosto de 2025. Novamente, 11 participantes compareceram. Dessa vez, foi usado o espaço de uma mesa retangular grande para nela dispor alguns livros e também o lanche. Quando todas chegaram, alguns minutos foram destinados para a socialização dos escritos. Cada pessoa escolhia um diário do seu interesse para fazer a leitura e as intervenções sobre as produções escritas referentes à provocação feita no encontro anterior. Logo após esse momento, adentramos no

planejamento da semana, que se constituiu em diálogo com o segundo objetivo da pesquisa, sobre as estratégias de sustentação de um trabalho com a clínica psicanalítica. A atividade planejada teve como balizadoras 5 provocações, que cremos tocar em pontos fundamentais da relação entre psicanálise e trabalho: 1) condições de escuta: o quanto se suporta escutar; 2) relação com o dinheiro: por quanto se suporta escutar?; 3) relação com planos de saúde: em quanto tempo se faz uma escuta psicanalítica; 4) relação com equipamentos públicos: onde é possível fazer um trabalho analítico?; e 5) clínica enquanto trabalho: quais as invenções possíveis frente à precarização? Foram formados 3 trios e 1 dupla, configuração essa pensada de modo que em cada agrupamento tivesse 1 pessoa com mais tempo de percurso e experiências mais diversificadas no campo do trabalho com a clínica, já que 4 das participantes atendiam a esse perfil. Essa estratégia foi elaborada para enriquecer as trocas, já que o grupo foi formado por 8 graduandas em psicologia, cujas experiências ainda estavam concentradas nos estágios e extensões universitárias, valiosas para a formação, mas ainda resguardadas de certos âmbitos da precarização do trabalho. Cada grupo escolheu às cegas uma provocação, pois estas estavam escritas em fichas armazenadas dentro de uma caixa decorada. Foram estipulados alguns minutos para que as discussões ocorressem internamente entre os grupos, e logo depois voltamos à mesa para um compartilhamento geral. Nesse momento, cada participante pegou seu respectivo diário para fazer anotações que considerassem pertinentes no andamento da discussão. Por fim, a proposta da segunda produção textual marcou o encerramento do encontro: às analistas em início de formação, foi sugerida a escrita de uma carta para si mesmas, ficcionando o futuro em que estarão trabalhando com a clínica; às analistas do grupo com maior tempo de percurso, foi sugerida a escrita de uma carta endereçadas a si mesmas, retornando ao início de seus percursos e contando como está sendo trabalhar com a clínica.

O terceiro e último encontro se desenrolou no dia 27 de agosto de 2025, e mais uma vez se repetiu a presença de 11 participantes. Fizemos um procedimento parecido com o da semana anterior no que concerne à organização da sala e momentos iniciais. O ponto central do encontro se entrelaçou com o terceiro objetivo, de perscrutar as relações estabelecidas entre este grupo de analistas e as instituições de formação em psicanálise. Tal discussão se deu partindo de uma inquietação inicial apresentada pelo pesquisador referente às barreiras de acesso às instituições sediadas na cidade de Fortaleza. A partir desse momento, apostou-se que o endereçamento dessa provocação ao grupo daria conta de sustentar as enunciações particulares de cada participante sobre suas experiências, incluindo a ausência delas, na composição do tecido discursivo daquele encontro. Ao final desse encontro, uma última proposição textual ainda foi feita, com a interrogação: “se você criasse uma escola de psicanálise ou dispositivo de formação, em que condições ele se sustentaria?”. Como já tinham acabado os encontros previstos inicialmente, marcamos um momento para devolutiva dos diários com essa última produção em um outro espaço fora da universidade, aproveitando também para confraternizar. No entanto, na data marcada o grupo enfrentou alguns contratempos e não foi possível esse “pós-encontros”, mas cada participante fez questão de devolver o diário com as respectivas atividades textuais propostas, que consistem no material de concentração dessa pesquisa.

Inovações analíticas: tempos, sujeitos e escritas em transferência

Com a disponibilização dos diários, as participantes se tornam sujeitos produtores da pesquisa em uma configuração temporal que não segue uma linearidade do tempo cronológico, mas obedecem a uma outra ordem. Elas participam anteriormente, pois se não tivessem apostado na criação de percursos com a psicanálise em sua condição de cotistas, provavelmente a pesquisa não existiria. Participam durante, na medida em que se comprometeram a partilhar suas trajetórias no espaço proposto, trazendo questionamentos

pertinentes e construções coletivizadas. E participam em um só-depois, pois os diários, a cada vez que são consultados, instigam novas inquietações que se traduzem em elaboração conceitual a posteriori.

A partir da transferência com o grupo, que se materializa também em uma transferência construída com os diários, os trechos analisados ora compõem o ponto de partida de reflexões, ora se manifestam por conta própria em um movimento de interpretação dos processos analisados a seguir nas discussões.

Alegoria 2 - “Onde o sonho vira realidade num simples toque das mãos”² : ações afirmativas, universidade e psicanálise

Os “carros alegóricos” são elementos que emitem mensagens visuais que apoiam a narrativa dos enredos através de composições que mesclam esculturas, destaques e artifícios de luz e cor (Rosa, 2013). Nesse contexto, os blocos de discussão são nomeados desse modo por cumprirem a função de, pela escrita, contribuírem para a apresentação e elucidação das narrativas dessa pesquisa, sendo composto por trechos de diários e articulações com a produção teórica existente. Esta segunda³ alegoria concentra-se nas composições dos diários que dizem respeito ao encontro das cotistas com a psicanálise, posicionado sobretudo no âmbito da universidade, e serão destacados os impasses e insistências dos caminhos que se formaram, considerando o objetivo de rastrear as significações de ser cotista em um percurso formativo em psicanálise.

Minha relação com a psicanálise começa na universidade, onde tive o primeiro contato teórico com ela. Muito bonita, mas não entendi. Era o começo do curso, tudo era muito novo e diferente pra mim. Não foi amor à primeira vista, foi aos poucos,

² Verso do Samba-Enredo de 2010 da Acadêmicos do Grande Rio (Enredo: Das arquibancadas ao Camarote nº 1).

³ Apesar de ser o primeiro capítulo de discussão, é nomeada como segunda alegoria, pois o Abre-alas configura-se como primeiro carro do desfile e destaca-se por ser a alegoria que condensa a proposta das demais.

ter/criar uma relação com a psicanálise envolveu tempo, medo, esperança e desejo (Diário de Mangueira, com grifos de Grande Rio, Estácio, Salgueiro e Vila Isabel, primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025).

Percebo que minha relação inicial com a psicanálise, mediada pela obrigatoriedade da faculdade, era fortemente institucionalizada, e isso me distanciava. Hoje, reconheço a ambivalência: ela me aproxima, mas também me distancia. Pensar o meu percurso enquanto verbo, me acolhe: ainda posso percorrer (Diário de Tijuca com grifos de Grande Rio, primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025).

Iniciar as discussões pelos trechos de diário mencionados é posicionar de imediato algumas questões relativas aos modos de encontro com a psicanálise, que apresentaram lampejos do que viria a dar o tom das formações destas analistas. Em primeiro lugar, situar a universidade como ponto de ignição de uma trajetória formativa em psicanálise não é uma elaboração qualquer, mas diz antes de uma conjunção entre dois lugares institucionais e discursivos diversos, mas que formaram encontro na experiência psicanalítica brasileira (Figueiredo, 2008).

Estes discursos se estruturam a partir de diferentes relações com o saber, a verdade e a ciência (Balbi et al., 2009), e a conjunção é possível somente a partir de uma porosidade mútua (Figueiredo, 2008). Nesse campo, introduzem-se novas complexidades em um debate clássico do campo psicanalítico, a saber, o lugar de demarcação da diferença entre ensino e transmissão, e o desafio de resguardar a singularidade do saber inconsciente numa proposta pedagógica que possibilite, ainda que com percalços, que se recolham efeitos de um primeiro contato com a psicanálise para cada sujeito (Figueiredo, 2008; Martins, 2020). Para Pereira e Kessler (2016, p. 478), “apesar de a universidade não ser um lugar que forma analistas, é possível que seja por esse mesmo espaço que o desejo do aluno seja, pela primeira vez, suscitado nesta direção”. No Diário de Salgueiro lê-se: “Sei que a faculdade não é o espaço

para se especializar na psicanálise, mas gostaria tanto que fosse o local que explica mais sobre como fazer isso” (Diário de Salgueiro, terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025), apontando para o desejo de seguir caminhos formativos como efeito de um primeiro contato na universidade, mas que muitas vezes é barrado por uma conjuntura não convidativa em espaços tradicionais de formação.

Nessa perspectiva, esse efeito para cada sujeito adquire novos contornos à medida que a referência de “sujeito” que ocupa tanto a psicanálise quanto a universidade é deslocada do ideal da modernidade colonial (Mignolo, 2017), ou seja, a figura branca, masculina e euroreferenciada. Esse sujeito que se pretende universal, sem marcas de raça, classe, gênero e território, passa a dividir esses espaços com pessoas que confrontam com seus corpos a manutenção da norma e estão dispostos a refazer essa estrutura pela ocupação. Para Canavêz e Jardim (2024), a insistência insatisfeita na psicanálise é denotativa de uma operação com a teoria e a clínica que percebe os efeitos na escuta, mas não deixa de sentir os ranços coloniais de sua fundação. Esse movimenta se assemelha aos escritos de Vila Isabel:

O que me encanta não é isso que já está estruturado, mas o potencial de destruir e reconstruir que temos nesse edifício [a psicanálise]. (...) Falar sobre a formação psicanalítica de uma forma subversiva é balançar essa estrutura; falar sobre interseccionalidade, raça, etnia, gênero, faixa etária, territorialidade, pertencimento, é derrubar muitas paredes. Aqui se encontra meu encantamento (Diário de Vila Isabel com destaques de Portela e Grande Rio, primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025).

Sobre o trecho, Portela (Diário de Vila Isabel, primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025) comenta: “Essa ideia de destruir o edifício para (re)construir algo novo/diferente é potente de uma forma gritante”. Demarca-se aqui uma primeira significação do percurso

cotista, que é a inconformidade com a estrutura depois de adentrá-la, uma impossibilidade de não balançar os termos da formação com seu corpo e presença.

Esse confronto é viabilizado pelas políticas de ações afirmativas. Estas, de acordo com Vaz (2022, p. 19), são “dirigidas à correção de desigualdades estruturais, por meio de medidas tendentes a promover a igualdade de oportunidades para membros de grupos sociais vulnerabilizados”. Dentre essas medidas, se destaca a implementação de cotas na forma de reserva de vagas para o ingresso nas instituições federais de ensino, destinadas a grupos marcados historicamente pela exclusão social. As referidas políticas não seguem um modelo único de funcionamento, mas a principal referência está na Lei de Cotas (*Lei nº 12.711, 2012*).

O público das cotas é definido jurídico-politicamente na legislação de 2012 (*Lei nº 12.711/12*) e atualizado pela revisão da normativa feita em 2023 (*Lei nº 14.723/23*), e se refere, no caso das universidades federais, a estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas ou comunitárias conveniadas com o poder público, a quem devem ser destinadas no mínimo 50% das vagas em cada curso e turno das instituições. Dentro destas vagas reservadas, metade delas deve ser preenchida por estudantes com renda familiar *per capita* inferior a 1 salário mínimo. A Lei de Cotas também prevê que grupos étnico-raciais devem ser contemplados nas vagas afirmativas, sendo citados estudantes pretos e pardos, indígenas e quilombolas. Há, por fim, uma reserva para pessoas com deficiência, e ainda tramitam lentamente em algumas instituições processos que reivindicam reserva de vagas para pessoas trans, mas que, infelizmente, ainda não compõem a legislação nacional. A disposição das vagas para pretos e pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência deve ser estabelecida com base em um cálculo em que a proporção de cada grupo em relação ao total de vagas seja no mínimo igual à proporção de cada uma dessas populações em relação à

população total da unidade federativa em que se localiza a instituição de ensino⁴, de acordo com os dados do último Censo do IBGE. A partir de 2024, com as mudanças na normativa, o Sistema de Seleção Unificada (SISU), principal mecanismo de ingresso nas universidades públicas, incluindo a Universidade Federal do Ceará (UFC), passou a estabelecer que os candidatos que concorrerem às vagas de ação afirmativa mas que obtiverem notas igual ou superior à nota de corte da ampla concorrência, passarão a disputar as vagas nesse grupo, enquanto garantem mais espaço para outros estudantes com perfis de cota disputarem as vagas reservadas. Essa medida é justificada pelo Ministério da Educação (2024) como uma ampliação da presença de estudantes de escola pública no ensino superior, já que a reserva de vagas permanece inalterada e, ainda, o estudante que opta pela reserva de vagas no ato da inscrição permanece com prioridade nas políticas de assistência estudantil, mesmo que aprovado em ampla concorrência (*Lei n° 14.723, 2023*).

Essa mudança no SISU, que é parte dos efeitos da revisão da própria Lei de Cotas no seu aniversário de 10 anos, é ilustrativa de uma mudança de paradigma propiciada pelas políticas de ações afirmativas, que adquiriu um novo escopo à medida em que novas questões surgiram para o seu tempo. Se hoje existe a possibilidade de estudantes cotistas pleitearem vagas junto de egressos do sistema privado de ensino, há o reconhecimento político de que, apesar da situação de desigualdade no acesso à educação básica, avanços já se materializam, permitindo que, aos poucos e longe de um discurso meritocrático, o lugar de cotas não seja o único possível para abrigar as trajetórias desviantes de corpos cujo destino estava traçado longe da experiência universitária. Consoante a Vaz (2022), estes são passos pequenos, mas fundamentais à democratização, e conforme amplia-se o debate, novos passos são

⁴ Por exemplo, se nos dados gerais de um estado, a população preta, parda, indígena e quilombola representa 70% da população geral, no mínimo 70% das vagas de cotistas de uma instituição desse estado devem ser destinadas a esse grupo, divididas entre os grupos de renda (abaixo de 1 salário mínimo *per capita* e acima de 1 salário mínimo *per capita*) e deficiência (pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência), existindo modalidades que agrupam marcadores sociais quando estes se interseccionam.

possibilitados em um caminho que tem como horizonte a superação das cotas, não pela via da meritocracia, mas pela efetividade de políticas de reparação.

Para contextualizar a transformação do perfil de ingressantes na universidade pública, tomo como exemplo a UFC, que começou a implementar as ações afirmativas no ano de 2013. Araújo (2021), em sua tese de Doutorado em Educação, propõe uma avaliação dos impactos das ações afirmativas na Universidade Federal do Ceará. A pesquisadora expõe que, antes de 2013, os egressos de escolas públicas representavam 36% dos ingressantes na instituição, mas ainda distribuídos de forma desigual pelos cursos. Nas graduações consideradas historicamente mais elitizadas, dentre as quais a psicologia é citada, encontravam-se “apenas 4 ou 5 alunos oriundos das escolas públicas” (Araújo, 2021, p. 69).

Apesar da escassez de levantamentos oficiais à época, o trecho citado, que tem por base matérias publicadas pela Seção Sindical dos(as) Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará (ADUFC), retrata a concentração do acesso à formação em psicologia nas mãos brancas das elites do estado. Já no giro (e)feito da política de cotas, ao acessar as bases de dados abertas do SISU e pesquisar a lista de ingressantes do curso de psicologia da UFC no ano de 2025⁵, há um quadro em que das 80 vagas, pelo menos metade foi preenchida por estudantes oriundos de escola pública (há de se considerar as de ampla concorrência que foram preenchidas por optantes da reserva de vagas). Dos 40 ingressantes cotistas, 32 foram aprovados em vagas afirmativas étnico-raciais (pretos, pardos, indígenas e quilombolas). Desse modo, depreende-se que, no mínimo, 40% do contingente de estudantes de psicologia ingressante na UFC na seleção de 2025 é negro, indígena ou quilombola, egresso de escola pública. É importante frisar que esses dados dizem respeito ao ingresso no ano de 2025, não havendo levantamentos institucionais sobre a composição étnico-racial do curso como um todo, mas algumas iniciativas discentes apontam para a emergência de espaços político-

⁵ A lista pode ser acessada no link: <https://si3.ufc.br/sigaa/public/sisu/resultadoMatriculaAnosAnteriores.jsf>

formativos e de construção de dados protagonizados pela luta antirracista na universidade, como a articulação do Ilê ti Oniruuru - Fórum de Negres da Psicologia UFC, fundado em 20 de novembro de 2023⁶. Assim, faço coro ao manifesto de Sousa Neto e Barros (2025), ao celebrar que as trajetórias em psicologia estão mais pretes que nunca, e não recuarão.

Estando universidade e psicanálise caminhando de maneira independente, mas em entrelaçamento, é urgente que a psicanálise e suas instituições, ao observar esse movimento, se abram também ao empretecimento, não apenas para garantir cotas de entrada, mas se atualizar a partir das questões convocadas por essa presença (Pereira, 2025; Andrade, 2022).

Partindo para um outro campo de significação discursiva que se repete na experiência das participantes sobre sua trajetória em cotas, o Diário de Mocidade (segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025), na carta endereçada a si no início de formação, aponta:

Não é viagem/neurose sua! Esse lugar realmente não foi feito para você. Por essa altura que escrevo, já sabemos da história das universidades. Você e outros são corpos estranhos, ocupando lugares que raramente se abririam se não fosse por conquistas políticas. Mas não é por ter sido feito, que não pode ser! Lembre-se que viemos de uma história onde tivemos que conquistar, com sacrifícios, espaços em um mundo que não era nosso (Destaques de Grande Rio e Vila Isabel).

Esse trecho introduz um aspecto da percepção de si ocupando a universidade e a psicanálise em cotas, pois cotistas se defrontam com uma posição de desigualdade, apesar de reconhecerem esse espaço enquanto conquista. O lugar de dissimetria é demarcado ainda em relação ao saber, que é transmitido em alguma medida, o que dá inícios aos percursos, mas insere um clivo entre os que podem dizer que sabem e os que sempre estarão à mercê de alguma instância que desautoriza a curiosidade, a possibilidade de dúvida e o processo de encarnação da teoria.

⁶ Mais informações sobre o Fórum podem ser encontradas no link: <https://www.instagram.com/iletioniruuru/>

No Diário de Portela (13 de agosto de 2025) aparece a indagação: “Por que a palavra BURRA apareceu tantas vezes quando falamos sobre psicanálise?”. Em Grande Rio, encontramos ecos dessa pergunta: “O sentimento de atraso sempre vai estar presente? Por que parece que eu deveria saber de algo que todo mundo já parece saber?” (primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025). Estácio também contribui: “Estar em cotas, por vezes, se assemelha a viver um rascunho da experiência” (primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025). Mocidade (primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025) acrescenta: “Já havia tentado [voltar à UFC], mas não obtive nota suficiente e me era difícil conciliar o curso à preparação do ENEM. No ano seguinte surgiram as cotas para PCD, uma oportunidade que baixou a nota que precisaria e que, por isso mesmo, me colocou com um sentimento de desmérito”. Diante disso, se constata um lugar de inferioridade experienciado pelas cotistas, que não existe enquanto entidade neutra, mas aparece como uma marca na subjetividade que se evidencia em contato com esse outro imaginário forjado pela branquitude, uma anormalidade, segundo Fanon (2020) que se presentifica ao menor contato com o mundo branco, aqui representado pela dupla instituição universidade/psicanálise.

Nesse aspecto, Pereira (2025, s. p.) denuncia que:

essa narrativa de neutralidade, tanto do sujeito quanto do/a analista, serve como estratégia para desconsiderar a distribuição desigual de oportunidades e direitos no país, que afeta não apenas condições materiais, como saúde, educação e moradia, mas também dimensões simbólicas, como o direito ao desejo, ao prazer e à memória.

É no encontro entre o acesso às condições materiais de vida e o desbravamento de novas dimensões simbólicas, antes restritas a grupos de elite, que se manifestam os efeitos das políticas de cotas. Retomo então a colocação das (form)ações afirmativas, formações possibilitadas pelo contexto de cotas e que não perdem por conta disso seu lugar de custo, investimento e compromisso com a práxis analítica, mas convocam complementos em suas

formulações, pois apostar na construção de caminhos singulares não pode ser uma justificativa que supõe a mesma estrada que serve de chão para essa formação. Essas marcas não se dissolvem, mas os caminhos inventados a partir daí requisitam do analista cotista uma cara e constante reivindicação do direito ao desejo, equilibrando coroa e coração na corda bamba formativa.

Com a psicanálise, a relação foi atravessada por muita angústia. Nas primeiras disciplinas, eu quase não lia os textos, porque não conseguia lidar com o não saber o que estava escrito. Isso me afastava. Aprendo muito ouvindo, e foi assim que, em uma disciplina de Psicanálise com crianças, algo se abriu. O que era dito me mobilizava profundamente a pensar sobre minha própria vida. A partir daí, quis fazer análise, e passei a me aproximar dos conceitos com curiosidade. Nas disciplinas seguintes, a angústia já não me paralisava tanto. Além do fato de que estava conhecendo a psicanálise com outras palavras e modos de dizer (Diário de Tijuca, com grifos de Viradouro, primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025).

A partir desse ponto, se nota um redimensionamento da trajetória com a psicanálise, um lugar de investimento de si no próprio percurso que passa por encontrar uma transmissão que tem por fim produzir um efeito, um resto de saber que não se esgota, mas possibilita a continuidade. Tuiuti sintetiza: “há outras relações ou estilos de transmissão que se dão no contexto universitário, onde o não-saber não tem seu uso ao bel prazer, mas se torna um instigador de trajetórias e travessias” (Diário de Tuiuti, com grifos de Salgueiro, primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025).

Tal cenário pode ser representado ainda pela forma como é descrita a relação com a psicanálise do primeiro contato até a prática clínica, marcada pelo embate medo-desejo, evidenciada em diversas passagens de diários. Na escrita de Vila Isabel, o contato com a psicanálise é descrito como “estranho”, “adentrar um território desconhecido”, que despertava

medo, mas com espaço também para que “a frustração que sentimos quando nos deparamos com essa psicanálise elitista pode ser/é combustível para inventarmos, fantasiarmos, sonharmos com um futuro que possa nos pertencer” (grifado por Grande Rio, primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025). Para Tuiuti, “mesmo com as difíceis questões que surgem da transmissão e do ensino, porque acho que esse também pode ter um lugar, continuava desejando estudar” (grifado por Portela e Salgueiro, primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025). Ao que se vê, felizmente o desejo tem vencido os duelos. Infelizmente, estar nessa batalha é uma condição que afeta experiências específicas de formação.

Há ainda uma última e relevante composição nessa alegoria, percebida na relação entre os diários: o caráter coletivo da sustentação do percurso na universidade, que permite dar outros desenhos para as interdições apresentadas no início. Rocha et al. (2025) falam de um amparo coletivo que se constitui enquanto uma outra dimensão que sustenta o tripé formativo. Isso se mostra nas passagens de Imperatriz (primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025): “O caminho de investimento na psicanálise deixou de ser solitário quando encontrei pessoas para estudar em conjunto. Antes disso, estudar sozinha sempre era um desafio pois era fácil demais desistir”; Grande Rio (primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025): “encontrar aliados no caminho me ajuda: saber que a psicanálise não precisa ser engessada, branca, difícil”; Estácio (primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025): “Escutei, passei pela supervisão, e somente ali, junto a colegas que também traziam seus rascunhos, que juntamos nossos diários, angústias e desejos e nos percebemos, ou pelo menos eu nos percebi enquanto analistas, cotistas, e talvez não mais tão sozinhos”; e Mocidade (primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025): “[...] e foi por esse caminho que segui. Aquilombando com aqueles e nos lugares que me cabem. Um psicanalista marginal aliviado em saber que à margem tem sempre terra firme e onde estão aqueles com quem compartilhar”. E ainda cabe espaço para retomar Mangueira, que lá no começo abriu essa

alegoria, trazendo novos pontos de vista, escrevendo de forma bonita que também se forma psicanalista no encontro, na partilha, nos aliançamentos do cotidiano, utilizando a perspectiva de políticas de aliança apresentada por Butler (2018).

Hoje me relaciono c/ a psicanálise de diversas formas, sobretudo na minha própria análise onde sinto os efeitos dela no corpo. A psicanálise também está nos meus amigos mais queridos da universidade, com quem estudo, trabalho, escrevo e converso (Diário de Mangueira, com grifos de Grande Rio, Estácio, Salgueiro e Vila Isabel, comunicação pessoal, 13 de agosto de 2025).

Encontro verdade e sonho nesses trechos. Vejo analistas se mostrando, aparecendo, num processo escrito por Tijuca (segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025): “Quando vi que um outro como eu podia aparecer, eu me senti segura, como se pudesse chegar junto com esse outro corpo trêmulo e ter um pouco mais de firmeza para insistir. Quando li “eu apareci”, eu também quis aparecer”. Talvez seja justamente nesse se mostrar, de batucar seus próprios passos com a psicanálise, que se enredem as trajetórias formativas que se acendem na universidade. Trazer à tona esse histórico da Lei de Cotas tem a função de demarcar esta enquanto uma construção social, histórica e política, dimensões fundamentais para convocar o debate para o âmbito das instituições de psicanálise, implicá-las enquanto espaços relevantes para os rumos da pesquisa e clínica psicanalítica e que portanto não podem se abster desse compromisso.

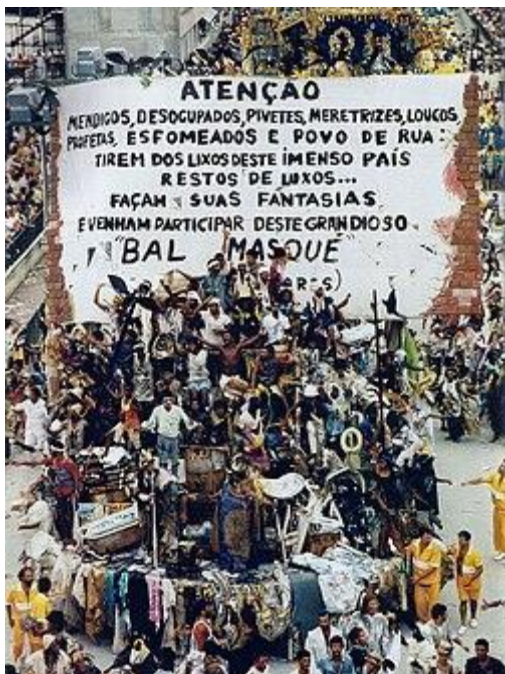
É por essa via que o encerramento da passagem dessa alegoria investe no sonho em que aquelas que vem de cotas possam ser carnavalescos de suas próprias formações-enredo, no entendimento de que o enredo é a ficção que dá sentido à narrativa (Bâ, 1979). É um convite para o desenho de fantasias para participar do grandioso baile de máscaras⁷ analítico,

⁷ Menção à emblemática mensagem apresentada pela Beija-Flor em 1989, com o enredo “Ratos e Urubus, larguem minha fantasia”. Um dos carros alegóricos exibia um cartaz com os dizeres: “Atenção, mendigos, desocupados, pivetes, meretrizes, loucos, profetas, esfomeados e povo de rua: tirem dos lixos deste imenso país restos de luxos... façam suas fantasias e venham participar deste grandioso “Bal Masqué” (Baile de Máscaras)”.

em ode a uma psicanálise feita de povo, transformando uma prática elitizada que a nós dedica um lugar menor por estarmos em cotas em uma composição opulenta que tem nossos corpos como destaques de um protagonismo alegre e vivo, similar ao da Figura 3.

Figura 3

Façam suas fantasias



Fonte: Acervo da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, 1989.

Alegoria 3 - “Caminhando deixo o sonho me levar”⁸: analistas cotistas entre o trabalho e o ofício

A composição dessa alegoria foi marcada de início por entraves. Pode acontecer em alguns desfiles, a despeito de toda a preparação anterior, dos carros apresentarem problemas. Nesse caso, a questão que gerou leves atrasos na evolução foi uma querela existente a respeito da categoria trabalho e as exigências postuladas para o exercício de uma clínica dita psicanalítica, temas do 2º encontro sobre as estratégias de sustentação desse fazer.

Na reflexão apresentada por Figueiredo (2008), uma faceta dessa problematização se apresenta em articulação ao ponto anterior, dizendo respeito ao papel da universidade na

⁸ Verso do samba-enredo de 2017 do Paraíso do Tuiuti (Enredo: Carnavaleidoscópico Tropicifágico).

transmissão e alguns ruídos que se formaram nessa jornada. A universidade cumpre um papel ambíguo no ensino da disciplina psicanalítica, especialmente no seio dos primeiros cursos de graduação em psicologia, ainda na década de 1970. Nesse período, vigorava nas instituições IPA⁹ um modelo de formação oferecido exclusivamente para médicos, sendo vetada a entrada de qualquer outro grupo profissional, inclusive psicólogos. É nesse contexto que surge o fenômeno de formação de “profissionais “psicanalíticos”, mas não reconhecidos como psicanalistas” (Figueiredo, 2008, p. 240).

É interessante observar como essa conjuntura, cujo objetivo foi criar estratégias de difusão da psicanálise em um outro formato institucional, também instituiu uma encruzilhada epistêmica e um lugar de fazer “entre” o trabalho da psicologia e o ofício da psicanálise. Esse duplo lugar por vezes se revela também como um não-lugar, na medida em que o significante “psicanalista” é colocado em suspensão em favor de outros arranjos que possam garantir um exercício clínico sem afrontar aqueles que dominam o circuito de reconhecimento simbólico da prática analítica, como por exemplo o uso de “psicólogo de inspiração psicanalítica”, termo anotado no diário de Estácio (13 de agosto de 2025). Grande Rio pergunta à analista que será no futuro: “No meu cartão diz “psicanalista” ou “atuação direcionada pela psicanálise?”. Me sinto segura enquanto A-N-A-L-I-S-T-A?” (segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025). Cabe pontuar o acolhimento que Beija-Flor deixa no mesmo diário: “A partir desse lugar de dúvida nascerá sua formação. Será?”. Também se lê no diário de Salgueiro a pergunta “Quando foi que conseguimos nos chamar de psicanalistas?” (grifado por Portela, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025), na proposta de escrita de uma carta para a analista do futuro, denotando que a apropriação desse significante marca sim um ponto crucial na formação, e que este não coincide com a obtenção de um diploma em psicologia, mas

⁹ Instituições que operam sua formação segundo os critérios da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

responde a um outro tempo, sendo o que caracteriza a psicanálise enquanto ofício e não profissão (Alberti et al., 2009).

Voltando à composição dessa alegoria, a escola voltou a evoluir quando recordei de um dizer do mestre Luiz Antônio Simas (comunicação pessoal, 11 de dezembro de 2025), relatando que ao escrever sobre samba, é muito comum fundamentar ou justificar essa escrita utilizando como recurso o embasamento em outras epistemologias, como se o samba, por si só, não possuísse uma gramática própria que autorizasse a si mesmo. Mediante tantas questões teóricas entrelaçadas nessa complicada, mas importante de ser contextualizada, posição da psicanálise, entre o abstrato, o concreto, o material e suas filosofias, por um momento me esqueci do samba, por um momento o samba sambou¹⁰. Ao trazer o samba para a minha escrita em psicanálise, não se pode desconsiderar que o lugar de encontro propício para esse desejo é o corpo, pois “os tambores contam histórias para que os corpos respondam” (Simas, 2023, p. 154). Foi no corpo onde, pensando sobre o início da clínica para analistas cotistas, e sem saber por onde começar, senti a convocatória do samba, na voz de Zeca Pagodinho:

A realidade é dura, mas é aí que se cura/
Ninguém pode imaginar o que não viveu/
Queria felicidade, não pra me apaixonar/
Por medo desse amor bonito me fazer chorar
(Zeca Pagodinho, 1997/2018)

Encontro nesses versos um enquadre do que se escreveu nos grupos da pesquisa, especialmente nos escritos do 2º encontro, que circulou em torno da sustentação de uma clínica psicanalítica. Nas associações que se coletivizaram, a clínica, representante da prática analítica, se apresentou por muito tempo como um espaço místico, inconcreto, como que se coberto também por um véu. Na idealização da clínica, não cabe a preocupação com as contas, o aluguel da sala, a passagem do ônibus, o primeiro analisando, a jornada de trabalho,

¹⁰ Menção ao Samba-enredo de 2018 da São Clemente, no enredo “E o Samba Sambou”, onde a escola criticou a transformação do carnaval em mercadoria e o abandono de suas raízes.

as férias. Ora, não são questões que dizem respeito a angústias partilhadas e direitos visados por toda a classe trabalhadora? Quais psicanalistas, então, trabalham?

É interessante como ao buscar na literatura a questão do trabalho e as implicações da precarização sob a perspectiva da psicanálise no contexto brasileiro, a dimensão contemplada é do que comparece à clínica como dimensão do sofrimento nas associações do analisando (Menezes, 2010; Nogueira & Bernardo, 2013). No entanto, quando o giro é feito e se buscam produções que abordem os efeitos da precarização do outro lado do divã, os resultados diminuem drasticamente, apesar de produções muito relevantes terem ganhado destaque nos últimos anos, como a de Tupinambá (2024) que discorre sobre as implicações da psicanálise que se “impurifica” em interface com a política, e a de Estêvão e Coaracy Neto (2024), que apontam as iniciativas de clínicas públicas no Brasil como impacto das políticas de distribuição de renda junto às políticas de ações afirmativas e fomentam uma reflexão sobre o novo cenário de prática analítica ressoado por esses grupos.

Assim, um indicador que contribui para a reflexão sobre quais psicanalistas trabalham, é a já citada produção na literatura, que só recentemente considerou como objeto de pesquisa a precarização do trabalhador psicanalista, demonstrando que antes da Lei de Cotas pouco se discutia porque pouco se vivia essa questão nos moldes em que hoje é percebida. O que se praticava não era uma psicanálise trabalhadora, mas uma psicanálise herdeira, que só precisava se preocupar com o ofício. A caracterização da psicanálise como ofício segue a leitura de Freud (1937/2017) que a descreve como uma das “profissões impossíveis”, isso por conta do resultado de uma análise ser essencialmente insatisfatório, uma vez que o analista não responde à demanda que leva o analisando ao divã, mas se coloca na posição de produzir uma falta nas determinações do sujeito (Tupinambá, 2014). Essa posição freudiana foi tomada por muito tempo como uma impossibilidade do ofício psicanalítico ser também um trabalho, na medida que não se ancorava em uma ideia de cura ou garantia de efeito à priori, mas

Tupinambá (2014) segue um caminho que propõe a compatibilidade entre os conceitos ao articulá-los às categorias marxistas de trabalho concreto e abstrato. Essa abordagem, que não será aprofundada nesse texto, é situada no sentido de problematizar uma pureza no universo conceitual da psicanálise, em que uma especificidade da proposta freudiana foi suficiente para que ao longo da história toda uma classe de psicanalistas se pretendesse inalcançada pela categoria trabalho, talvez por essa representar um lastro no chão do mundo difícil demais de se sustentar frente ao gozo branco que, segundo Pereira (2025), é estruturado no reforço das assimetrias de poder.

Retomo o Diário de Tuiuti (primeira produção escrita, 13 de agosto de 2025), quando diz que a gramática da psicanálise é, muitas vezes, intencionalmente dissimulada, ao substituir ensino por transmissão, conhecimento por saber, trabalho por ofício. Acrescento que, além de intencionalmente dissimulada, a psicanálise em sua composição gramatical também assume uma posição de raça e de classe.

Nesse cenário, ainda insiste em ser apresentado um discurso hegemônico onde a questão em jogo e o horizonte ético a ser perseguido é o de exercer exclusivamente a função de analistas, sem considerar as dimensões corporais e territoriais desse fazer, desencantando ao torná-lo não somente o motor das análises, mas o instrumento, o colega e o salário. Caminho solitário, sintoma que Gabriel Baessa nomeia como “desejologia desencarnada” (2024, p. 3), quando não considera a sustentabilidade e também as desigualdades de cada percurso. Nesse ponto, não se condena nem se abre mão do desejo, como defendido por Mangueira em seu diário: “Nós não podemos tirar o desejo de jogo, senão corremos o risco de desconfigurar a singularidade da nossa prática” (20 de agosto de 2025). Fala ao qual faço coro, e complemento: o desejo precisa estar na roda indispensavelmente, mas não existe bateria que sustente desfile com um instrumento só. Defendo que, junto ao ritmo do desejo, seja possível para quem faz seu caminho psicanalítico em cotas, compor enredos formativos

que permitam ao corpo suportar a travessia da escuta de uma ponta a outra da avenida, onde o ofício analítico possa ser exercido de maneira sustentável, com paradinhas, recuos, avanços, harmonia, e sobretudo com um traço de autoria.

Gostaria de te dizer que a gente continua muito verde, sabe? Maaas, a gente evoluiu um pouco em muitos aspectos. Sabe aquela sensação de não-pertencimento nesse lugar do suposto saber? Ainda rola, mas você aos poucos está conseguindo entender que esse lugar pode ser conquistado por você. Sabe o medo de não conseguir se manter financeiramente através desse TRABALHO?! Ainda rola também, principalmente agora, que você percebeu que a clínica, por muitos momentos, é instável, mas você está percebendo que apesar disso, há como manter-se firme nesse lugar de quem deseja ouvir o outro para (sobre)viver (Diário de Beija-Flor, destaques de Portela, Tuiuti, Grande Rio, Viradouro e Vila Isabel, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025).

Defender a autoria formativa em uma perspectiva singular, nesse contexto, é reivindicar que cada sujeito que segue o caminho de seu desejo pela psicanálise tenha acesso e possibilidade de manutenção das condições de vida e saúde potáveis, e que estas dependem de mobilizações coletivas que deslocam-se dos próprios limites da clínica, mas não deixam de ressoar nela.

Ser reconhecido como parte de uma comunidade é importante. Construir um suporte, uma responsabilidade, é uma tarefa coletiva na clínica. Não dá para se sustentar sozinha. As inquietações e os medos vão te levar a buscar uma comunidade. E tem outra dimensão de autorização que passa por você, por mim: Como me autorizar a assumir a autoria? (...) Uma clínica é inaugurada a cada nova pessoa que chega. E toda clínica é uma situação viva. Não há manuais nem garantias. Me apavoro e me reanimo. (...) Mas acho que fica aí a pista. Me formo analista justamente quando experimento

viver outras coisas em vez de tentar SER psicanalista (Diário de Viradouro, destaques de Portela, Grande Rio e Estácio, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025).

Nesse sentido, bancar o desejo não pode continuar a ser visto como uma operação bancária, que beneficia quem tem um fiador confiável no mercado da transferência, ou seja, quem tem “crédito na praça”. O desejo pode ser cultivado, regado, numa perspectiva colaborativa e solidária (Rocha et al., 2025). Ele pode até sobreviver em condições adversas, mas esta não pode continuar a ser a regra, pois quanto de corpo é possível oferecer para pagar a dívida do desejo, principalmente ao se considerar que a vida de um psicanalista não se encerra na clínica? Portanto, falar de um trabalho sustentável, mais do que suportável, é argumentar que a clínica enquanto trabalho, além de uma função simbólica e um posicionamento no laço social, representa a possibilidade material e financeira de psicanalistas cotistas e seus sonhos se manterem vivos.

Apesar de toda descrença, os olhos de sua mãe brilharam quando descobriu ser verdade que você estudava. A bike ficou para trás e hoje chego à universidade de moto. Você já conseguiu em um único mês os 10 meses de bolsa. Ganhou peso, finalmente. Tá morando em uma casa confortável. Tem condição de possibilitar aos seus irmãos o que não teve. (...) Algumas incertezas também continuam, mas tem dado certo. Não desanime! (Diário de Mocidade, com grifos de Grande Rio, Vila Isabel e Portela, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025).

Comentário de Grande Rio: “Continuar esperando. Ler essa trajetória me inspira” (20 de agosto de 2025).

Volto, então, à letra de “O Dono da Dor”, que sintetiza os pontos aqui apresentados sobre trabalho, clínica e psicanalistas que ocupam a margem. Quando o sambista enuncia que “a realidade é dura, mas é aí que se cura”, Mocidade faz coro em seus escritos enunciou firmemente que ocupar a clínica é possível. Afirmar a possibilidade de ocupação da clínica

não tem a intenção de negar que o capitalismo neoliberal maquina formas de precarizar o trabalho em todos os seus âmbitos. A clínica não é isenta desses efeitos, pois é possível percebê-los, por exemplo, na uberização dos atendimentos vinculados a planos de saúde, que demandam um volume alto de escuta compensado por uma remuneração mínima, sobretudo para analistas cotistas em seus primeiros atendimentos, que não provém de um circuito de indicações (Baessa, 2024; Pacheco Filho, 2022). Nessa perspectiva, Pacheco Filho (2022, p. 37) alerta: “Ainda que o ofício do psicanalista seja orientado pelo amor, pelo saber e pela ética do desejo, o discurso capitalista constitui uma ameaça sempre presente de cooptação e destruição de sua ética e discurso”.

Porém, ainda que se apresentem incidências da precarização na experiência de escuta de analistas cotistas, é preciso ter cautela e não cair em um fatalismo paralisador, pois a indicação de fuga da clínica para evitar instabilidades se aproxima de um discurso que opera a manutenção de lugares de poder, ao qual a clínica tem sido historicamente alçada, e também mantém o exercício desta sob a agência das mesmas mãos brancas e abastadas que se recusam a qualquer cunho social que possa ser atribuído a seu trabalho.

Afirmar a possibilidade de ocupação da clínica enquanto matéria de subsistência do corpo e do desejo é antes produzir um caminho de autorização e sustentação que se coletiviza, pois a clínica deixa de ser insustentável quando “se encontram coletivos para sustentar os mal-estares” (Mocidade, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025), “quando se cria um suporte para a clínica” (Beija-Flor, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025), “quando a escuta é presentificada” (Portela, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025), “quando não se experiencia uma psicanálise fria” (Mangueira, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025), quando, portanto, se fazem “tentativas de sustentar o trágico na escuta” e se criam “estratégias para não morrer” (Viradouro, segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025).

A realidade, então, é realmente dura, mas também traz uma dimensão de cura quando não é vivenciada de maneira isolada, quando o desejo é antes criado e amparado num coletivo (Rocha et al., 2025). É nesse campo que não abro mão de inscrever que ser sonhado analista, ser desejado analista, ser apostado analista opera também em uma dimensão de sustentação desse trabalho, pois “ninguém pode imaginar o que não viveu”. Ter contato com uma coletividade, ou seja, outros analistas cotistas que fizeram essa aposta e continuam a sustentando, oferece condições de possibilidade de ficção, sonho e desejo para os que estão no começo desse percurso, uma vez que, já que não se pode imaginar o que não viveu, talvez se possa ousar imaginar a partir de quem viveu, e assim se desenhe com injeções de coragem novos caminhos.

Por fim, demonstra-se que as estratégias de sustentação do trabalho, que faz frente à precarização na reescrita do destino de analistas cotistas, tem por direção o encantamento, a recriação de sentidos coletivos de vida. Guarda em si a capacidade de inventar a vida no perrengue (Simas, 2024), tornar as (form)ações afirmativas e a escrita delas festejáveis, carnalizáveis, não por serem isentas de privações, mas pelo princípio de que não se faz festa porque a vida é boa, mas justamente o contrário. Dessa forma, talvez se diminua o medo desse amor bonito nos fazer chorar.

Alegoria 4 - “Em cada canto sou mais um menino que muda a sorte e sela o destino”¹¹:

relação com espaços instituídos e possibilidades de construção

Em geral, as últimas composições alegóricas dos desfiles trazem mensagens de continuidade, uma marca de que o desfile não se propõe a ser encerrado em si mesmo, mas aponta caminhos, semeia novos sonhos e reivindica que a crítica ali apresentada possa repercutir, que os personagens homenageados sejam inscritos na história oficial e que novas narrativas possam se desenrolar. No entanto, não deixam também de ser contundentes em suas

¹¹ Verso do samba-enredo de 2019 da Unidos do Viradouro (Enredo: Viraviradouro!).

lugares não eram para mim logo apareceram. Geograficamente elas se encontram em locais que eu só conseguiria chegar depois de percorrer muito a cidade, esse é um dos empecilhos (Diário de Vila Isabel, terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025).

Além da reveladora distância geográfica, como pontuado no Diário de Vila Isabel, as escolas de psicanálise sustentam também uma distância simbólica. Em minha rápida pesquisa na internet, me deparei com o seguinte trecho, disposto em site de uma instituição psicanalítica de Fortaleza, ao apresentar os critérios para tornar-se postulante a analista em formação pela escola: “Poder assumir o compromisso financeiro que o processo da Formação requer” (acesso em 2025). O nome da instituição será mantido em anonimato, pois o que se pretende aqui não é o constrangimento direcionado a um espaço, mas a elaboração de uma crítica fundamentada nos próprios cânones da teoria psicanalítica, aos quais de maneira geral as instituições buscam conservar.

A análise buscada como modo de cumprir regras de formação conduz a uma análise burocrática e desvitalizante que, mais uma vez, significa o fim da psicanálise. Isto posto não significa ignorar as dificuldades que cada uma das instituições enfrenta para levar o processo de formação a dar como resultado um analista (Perdomo & Saleme, 2009, p. 74).

Nesse sentido, é preciso demarcar que as escolas de psicanálise não estão fora do mercado lucrativo, por mais que se alcem a um lugar de clausura frente ao imperativo do capital. Além das análises pelas quais recebem, o “compromisso financeiro” assumido por formandos é sim um fator de financiamento não só das escolas, mas das condições materiais de vida destes que compõem os quadros efetivos das instituições. Podemos assumir isso sem descaracterizar a psicanálise, mas que na defesa coerente da não regulamentação, não se esquive por um caminho hipócrita de afirmar que ações afirmativas estariam desconfigurando a ética psicanalítica, como pontuado por Wania Cidade:

O assombro com a falta de diversidade em nosso ambiente não seria produto da responsabilidade e ética psicanalíticas? E por que ele não acontece, ou melhor, por que, 20 anos após a inclusão de ações afirmativas nas instituições públicas do Brasil, ainda há resistência ao assunto e refuta-se a ideia de implantar esse sistema em nossas sociedades? Existe alguma dúvida de que essa imobilidade esteja relacionada com a ferida colonial, cis-heteronormativa e de poder branco? (Cidade, 2022, p. 146).

Assim, é preciso alinhar-se eticamente aos próprios eixos que sustentam o discurso analítico. Quanto a isso, na elaboração de Tuiuti sobre um dispositivo de formação, aparecem dobras referentes à circulação do dinheiro que se movem em direção a um discurso mais alinhado à singularidade da formação psicanalítica:

Difícil pensar no que eu faria se montasse uma Escola, porque realisticamente acho que não me ocorreria essa pretensão. Mas, eu mudaria algumas coisas na escola que frequento hoje. A principal delas com certeza é o valor financeiro. Eu penso que assim como na análise cada um poderia pensar num valor que é caro para si. “Caro” bem no sentido de Neuza, que não se refere ao valor; que pode ser, inclusive, 0 reais (Diário de Tuiuti, terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025).

Acredito que para nós, analistas cotistas, essa tem sido a tônica em nossos processos formativos. O tom dos nossos percursos passa pela educação pública, a saúde pública, o transporte público, a praça pública. Dessa forma, se dobrar a uma lógica privatizante e hermética de agenciar suas formações, marcadas pelo significante “público”, é desvitalizante.

A experiência trazida por Beija-Flor (segunda produção escrita, 20 de agosto de 2025) contempla esse lugar de resistência e compromisso com uma formação que é profundamente marcada pela sua história, pela sua cor e pelo seu corpo, e todos esses aspectos são partícipes do engendramento do percurso formativo cotista.

Você vai ter “sorte” e conseguir entrar enquanto cotista em uma ótima Escola de Psicanálise. Lá você não vai conseguir se sentir tão pertencente, pois tudo por lá é muito branco e elitista, mas eles vão te respeitar, vão te ajudar a construir o seu espaço e lá você vai ouvir uma fala muito potente de uma mulher que trás um discurso sobre as clínicas pública em psicanálise. E lá você vai conhecer um Coletivo do qual você faz parte e isso vai/vem/virá contribuir muito com o seu eu “PROFISSIONAL”.

Beija-Flor ocupa, na sua condição de cotista em uma instituição, movimento ainda raro, o que Simas (2024, p. 114) nomeia como “frestas da festa”, um lugar de complexidades e contradições, que, assim como o samba, em meio a “desconfortos potentes”, reconhece a produção de horror e beleza. São inventados, a partir dessa ocupação, outros toques e estilos, que ocupam espaços nas frestas e dessa forma instigam o corpo ao movimento, assim como no samba, em que a dança se dá no entre de um toque e outro. É preciso que essas experimentações por parte das escolas se ampliem, para que caminhos bonitos como o de Beija-Flor não sejam mais tão solitários. Esse movimento é lido na escola sonhada por Portela (terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025):

Teríamos políticas de ações afirmativas e de permanência na formação. Escutaríamos música, veríamos filmes, leríamos poemas. (...) A psicanálise não se “constroi” sozinha. A arte é fundamental, por exemplo. (...) É preciso viver para escutar. (...) Eu tentaria não negligenciar a vida na “minha” escola de psicanálise. A psicanálise pode ser divertida e colorida também. Acho que criaria a COLORIR - Escola de Psicanálise.

Partindo para um modo de fundamentar esse caráter inventivo na própria história da psicanálise, e assim denunciar a ausência e reivindicar a presença de vivências cotistas na formação, fazemos nessa alegoria um retorno à literatura psicanalítica clássica. Em diversas fontes sobre a questão da formação, incluindo textos fundamentais da história da psicanálise,

como “A questão da análise leiga”, do próprio Freud (1926/2006) e em múltiplas passagens da coletânea produzida pelo Movimento Articulação - Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (Alberti et al., 2009), uma diretriz se repete, basicamente, como a única a ser preservada como prerrogativa para que se forme um analista: sua travessia pessoal com o inconsciente, que se dá de maneira singular pela via da análise pessoal.

Mas também exigimos que todo aquele que quiser praticar a análise em outras pessoas se submeta ele próprio a uma análise. É somente no curso dessa ‘auto-análise’ (como é confusamente denominada), quando eles realmente têm a experiência de que sua própria pessoa é afetada - ou antes, sua própria mente - pelos processos afirmados pela análise, que adquirem as convicções pelas quais são posteriormente orientados como analistas (Freud, 1926/2006, pp. 122-123).

Um analista nasce a partir de sua própria experiência, e subordina a psicanálise ao desejo de cada psicanalista de fundar, a cada instante, a possibilidade de uma nova formação do inconsciente para aquele que a ele se dirige (Alves & Saad, 2009, p. 47).

Esse pilar, que é defendido numa perspectiva revolucionária enquanto modo de destituição da autoridade médica enquanto significante mestre do discurso social, é por si uma demonstração da porosidade da psicanálise a responder às questões de seu tempo. Todavia, essa recomendação freudiana una sobre a autorização formativa, que se ampara em uma esQUIVA de qualquer poder hierárquico sobre o discurso analítico, aquele capaz de produzir furos no próprio saber (Alves & Saad, 2009), quando não é acompanhada de uma sensibilidade a interrogações que a cultura faz à teoria, corre-se o risco de cristalizar esse saber nas mesmas condições em que nasceu, como uma produção ultrapassada (Derrida, 2001).

Demoradamente compreendi um pouco sobre o percurso de formar-se analista, não se dá por uma determinada lógica linear. Não é sobre somente fazer leituras de um

determinado conteúdo até dominar uma técnica. É preciso experienciar o lido, é preciso de um tempo e espaço que permita dar vazão ao que escapa, ao que insiste em se dizer e aparecer mobilizado por esse lido. Me parece ser preciso uma maleabilidade que não cabe apenas na transmissão e compreensão da teoria. O próprio Freud, nas suas escritas fundamentais, parece dizer sobre esse movimento de ir e vir: ele escreve, retorna, reescreve, abandona, retoma. Sinto que o formar-se analista é também esse DES-FORMAR-SE (Diário de Tijuca, terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025).

É com esse intuito, o de manter a psicanálise atual, que endereço aqui, junto das provocações de Tijuca, as interrogações a respeito desta regra única da formação e o seu caráter universal defendido com afinco por membros de tantas escolas. A radicalidade da proposição freudiana de 1926 representou, nos termos daquele tempo-espaço, uma possibilidade de democratização, uma negação à burocratização da formação, deslocando para o campo do sujeito o desejo por uma formação que se dá em ato e efeito de uma travessia com a transferência. Esse mérito não pode ser tocado. No entanto, hoje, que novos contornos podem se somar a esse ponto de partida da aventura com o inconsciente? Na conjuntura em que se diversifica o contato com a psicanálise por diferentes realidades, se reivindica a refundação da teoria em cada trajetória formativa, respeitando a própria recomendação freudiana.

Seguindo esse movimento, manter a análise pessoal como condição indispensável para que se formem analistas sem dar as devidas garantias de que o acesso a esta análise se dê, seja pela via das ações afirmativas ou pelo incentivo financeiro “necessário ao investimento na formação”, para usar as palavras escolhidas por uma instituição, é operar a manutenção de privilégios de classe. É assumir uma posição de desresponsabilização para com a formação e para com a própria “causa freudiana”, na medida em que afirma que somente alguns poderão

ter acesso, desbancando a posição neutra de que nenhuma lei de outra ordem está incidindo sobre a produção do desejo. Estas regras “não-ditas” funcionam, sobretudo em solo brasileiro, como acordos tácitos que articulam raça e classe num sistema que permite entradas e barra acessos, colocando negros e pobres, os principais sujeitos das cotas, em um lugar de inferioridade laboral e epistêmica que os desautoriza de ocupar um lugar de saber-fazer, sistema nomeado por Cida Bento (2022) como “pacto da branquitude”, o qual a psicanálise não abre mão de firmar. Nessa mesma seara, Andrade (2022) denuncia:

O ethos com o qual Freud lavora a construção de suas regras para a atuação do/a psicanalista é centrado numa gramática dos afetos onde se pressupõe uma uniformidade corporal, como se todos os corpos fossem tratados de modo igual e sem discriminação racial, que não existe. (...) Assim, o problema das regras ou recomendações não está tanto no que elas prescrevem na forma de certo cuidado mínimo que temos que ter no setting analítico, mas sobretudo no que elas pressupõem como compromisso como ethos da branquitude. Nesse ethos freudiano há uma operação de propor uma formação em psicanálise que desconecta a escuta do corpo no que diz respeito à sua dimensão racial e que condiciona a formação da psicanálise à aceitação da centralidade da condição edípica. Se isso pode funcionar para Viena ou para a Zona Oeste de São Paulo, Zona Norte de Recife ou Zona Sul do Rio de Janeiro, não quero aqui discutir, mas certamente não dá conta do Brasil quando ele é Silva, Souza, Santos, Nascimento, negro (Andrade, 2022, s. p.).

Me alianço com Érico Andrade nessa discussão sobre *ethos*. As bases da formação analítica respondem a um *ethos*, abrindo margem assim para a invenção de uma ética de formação passível de ser territorializada, ou seja, que se inscreva em cada espaço em que uma formação será iniciada, carregando as peculiaridades dos corpos que sustentam aquele percurso. Por isso, é incongruente estabelecer uma universalidade, pois uma formação feita na

Europa terá um *ethos* europeizado, ao passo que ao chegar ao Brasil esse formato precisa ser transgredido para paradoxalmente se manter signatário da tradição analítica, que é a da invenção singular, e esse parece ser um movimento não acompanhado pelas escolas na institucionalização da psicanálise no Brasil (Morais & Kupermann, 2024).

De igual modo, a constituição social e racial do Brasil não permite que se estabeleça uma psicanálise dita brasileira, em uma expressão unificadora, pois estaria apagando as contradições presentes em solo brasileiro e se alienando de denunciar a concentração das instituições no eixo sul-sudeste por décadas, por exemplo. Além disso, Norte e Nordeste não escapam de uma presença ainda majoritariamente branca nos quadros da formação em psicanálise, mostrando que as estratégias de manutenção da branquitude na psicanálise, essas sim são características de uma psicanálise à brasileira.

Dessa forma, o *ethos* de uma formação psicanalítica no Brasil precisa ser um *ethos* territorializado, tomando como concepção de território a apresentada por Milton Santos (2005), geógrafo brasileiro que propõe que a definição de um espaço não é delimitada a priori, mas se faz em ato pela sua habitação, e somente pelo seu uso toma a forma de objeto da análise social, impondo uma revanche ao mundo que tenta capturá-lo e homogeneizá-lo. Portanto, uma ética territorializada da formação se faz possível quando a formação é habitada, aberta a diferentes modos de agenciá-la. É nesse ponto que uma fresta é ocupada para viabilizar também os percursos formativos de analistas cotistas, com formações corporificadas, instituintes de uma historicidade própria, agregadoras de uma coletividade que não apaga o singular, mas antes organiza uma revanche pelo encantamento.

É esse *ethos* o que Vila Isabel sonha para sua Escola, indo mais além e propondo um tripé complementar, que não apaga o tradicional, mas o encanta. Esse encantamento pela via do novo é acompanhado por Manguiera (terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025), ao escrever:

Porque sei que é também na diferença que movimentamos o novo. Esse termo me parece essencial, movimentar. Tentar permitir, dar espaço, tempo e força para o movimento dentro da escola. Movimento teórico, institucional, territorial... do corpo... Um movimento honesto, que respeitaria o que é bom da tradição, mas teria coragem também para a criação.

Retomando, a criação de Vila Isabel, que considera o bom da tradição se permitindo o movimento, é composta por território, condições econômicas e pertencimento. De modo muito sensível e potente, essa “estética metodológica”, termo utilizado por Mocidade (terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025), é descrita nos termos:

Sobre o primeiro, acredito que entender a história dessa cidade, do Estado e do nosso país seria um começo para pensar em que espaços essa escola ficaria. Sinto que quanto mais dentro das comunidades, mais diverso seria. Penso até em que políticas poderiam ser acionadas para que a concretude se desse. Isso casa com a questão econômica, já que acessar esses espaços seria mais simples. Imaginando uma formação mais abrangente, será que conseguiríamos jogar com a equidade ao nosso favor? Cada integrante paga o que pode, palestras acessíveis, uma biblioteca vasta e diversa, horários flexíveis. Além disso, penso em uma metodologia de ensino colaborativa (...). Para finalizar, acredito que isso tudo conversa com o pertencimento, como uma pulsação psicanalítica que se faria através da vida de quem a constroi hoje (Diário de Vila Isabel, terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025).

Portanto, abraço o sonho de Vila Isabel e a produção de seus tripés, que em uma feliz coincidência é um termo que também designa elementos cenográficos dos desfiles, pois sua coragem encarnada representa uma negação de projetos domesticadores e a disputa de modos de fazer formação que desmontam discursos de mestres arbitrários e reconhece o saber que vem da rua, da “artimanha de produzir encantarias no precário” (Simas, 2024, p. 56).

O desfile se encerra, então, em uma mensagem vibrante, mas firme, de que a ocupação de escolas de psicanálise ainda tem lugar no desejo e nas fabulações de cotistas, que reconhecem o lugar de relevância destas, principalmente na formação de coletividades e articulações frente a tentativas de regulamentação que tem por fim o esfacelamento da singularidade da formação. Desse modo, se reconhece a necessidade de movimentos instituintes de um outro funcionamento para esses espaços, que não abrem mão da ética psicanalítica, mas constroem esta de modo radicalmente incompatível com o elitismo, o racismo, a misoginia e a LGBTQIAPN+fobia, em desenhos clínico-políticos que se aliam com a cidade, o encanto, a rua e o samba.

Desfile das campeãs - “Vai ressoar o canto livre, nos meus tambores o sonho vive”¹²:

notas para uma formação encantada

No universo carnavalesco, o desfile das campeãs representa a possibilidade da escola refazer sua passagem pela avenida no sábado que sucede o Carnaval, ao conquistar um lugar entre as melhores na apuração das notas. Para além do sentido celebrativo de colher os frutos do trabalho de um ano inteiro, esse momento de comemoração “lava a alma” do componente, que pode passar brincando pelo sambódromo e reafirmar sua paixão pela escola. Com uma atmosfera irreverente, mas sem deixar de ser imponente, as agremiações encerram o ciclo vitorioso com vistas já para o próximo Carnaval, conferindo uma dimensão de circularidade que, desde o giro da baiana, compõe os espaços de produção de encantamento das escolas de samba.

É com esse espírito festivo e reflexivo que passo pelas considerações finais do trabalho apresentado. Ao refazer o percurso do texto, demarco as dificuldades de ser um corpo-escritor tentando fazer na psicanálise uma “esculhambação criativa”, um espaço de

¹² Verso do Samba-enredo de 2012 da Vila Isabel (Enredo: “Você Semba Lá... Que Eu Sambo Cá! O Canto Livre de Angola”).

encantamento, uma subversão pela festa (Simas, 2024). Os entraves na autorização, para nós que somos os herdeiros ilegítimos, ou mesmo filhos pródigos da herança freudiana, não se restringem à clínica, mas também alcançam a pesquisa e a escrita. Por isso, cada palavra colocada nesse manuscrito passou por intensos questionamentos pessoais, o que tornou a escrita demorada e por vezes dolorosa, atravessada pela pergunta: é essa briga mesmo que eu quero comprar?

E a resposta foi e vem sendo: sim! Repactuar o compromisso com modos encantados de percorrer um caminho em psicanálise não é uma escolha sem custos, pois demanda cotidianamente a busca por alianças em um percurso que é projetado estrategicamente para ser solitário para aqueles que o traçam em cotas. Porém, se a branquitude elitista se alicerça em pactos silenciosos para manter sua teoria higienizada, essa pesquisa mostrou que analistas cotistas sustentam suas formações entoando versos de aliançamento que ecoam sonhos sambados e traçam destinos sujos de chão para a psicanálise.

Ao passar de novo pela avenida desse estudo, os grupos e diários revelam significações sobre ser cotista na formação que passam pelo estranhamento, a inconformidade e a desautorização, mas encontram respiro para um desejo que é efeito do encontro com outros modos de transmissão e das possibilidades de experimentação em coletivo que ganham contorno na universidade. Também apontam para as estratégias de sustentação de um trabalho de escuta que não tem como se apartar das necessidades materiais da vida, mas que nem por isso deixam de caracterizar uma aposta na escuta do inconsciente e seus mistérios. A tarefa comum elaborada nas experiências escritas para quem deseja manter uma clínica viva é a de fazer comunidade e encontrar modos de autoria no processo. Por fim, a relação com instituições existentes se mostrou marcada por distanciamento e desidentificação, mas também pelo reconhecimento de que estas ainda constituem espaços de chancela e elaboração

da teoria entre pares, podendo ser ocupadas em certos termos, desde que verificada a abertura à diversidade de discussões que devem ser caras à psicanálise.

O quarto objetivo, de desenhar possibilidades formativas fundamentadas no encantamento, se deu e ainda está se dando por efeito da transferência com a própria pesquisa. A cada palavra que adiciono nesse manuscrito penso nos sonhos, sambas e encantos com o qual entrei em contato a partir da aposta nesse tema. Desfilas esses questionamentos pela apoteose psicanalítica é acreditar que posso fazê-los porque há uma escola inteira de outros inquietos que já passaram, estão passando, e ainda vão passar corajosamente pela avenida da formação. Dessa forma, o objetivo final dessa pesquisa se ampara também no desejo de que os efeitos não se encerrem nela. Que o contato com esse texto possa referenciar trajetórias mais encantadas para os muitos cotistas que ainda venham a apostar na coroa e no coração, mas que em suas vezes encontrem coroas coletivizadas e corações ainda mais flamejantes. Talvez chamuscados, talvez feridos, mas preparando os próprios e próximos enredos, enchendo o pulmão uma vez mais no amanhecer para gritar que o povo vai cantar na rua e mostrando que em nossas trajetórias a sorte não está na Lua, mas no encontro.

Talvez seja meio utópico, e por isso paro por aqui, citando a frase que se encontra nesse caderninho, “nos meus tambores, o sonho vive”. Em outras palavras, estamos aqui e nos propomos a discutir a formação psicanalítica. No nosso grupo fizemos o sonho viver e talvez de alguma forma criamos algo utópico (Diário de Vila Isabel, terceira produção escrita, 27 de agosto de 2025).

Para finalizar, deixo as palavras de Vila Isabel darem o contorno “final” desse trabalho, com um trecho que me emociona e me mantém apostando nessa ficção-desejo que cria mundos e utopias, enquanto mantém a vida pronta para virar Carnaval.

Referências

- Alberti, S., Amendoeira, W., Lannes, E., Lopes, A., & Rocha, E. (Orgs.) (2009). *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação* (Coletânea criada na Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras). Casa do Psicólogo.
<https://www.circulopsibahia.org.br/oficiodopsicanalista.pdf>
- Alves, A. L. C. R., & Saad, L. A. (2009). A psicanálise é leiga. In S. Alberti et al. (Orgs.), *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação* (Coletânea criada na Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, pp. 46-53). Casa do Psicólogo.
- Andrade, E. (2022). Democratização da formação em psicanálise: por um giro antirracista. *Traço: Revista de Psicanálise do Instituto Gerar, 1*.
https://revistatraco.com/08_democratizacao-da-formacao-em-psicanalise-por-um-giro-antirracista-2/
- Araújo, A. C. (2021). *Lei de cotas na Universidade Federal do Ceará (UFC): avaliação dos seus impactos*. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional da UFC.
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/56798>
- Baessa, G. (2024). Carta aos jovens psicanalistas periféricos: não desistam da psicanálise, apesar da sua cafonice. *Revista de Psicanálise Periférica, 1*(1), 5-10.
<http://www.periferica.periodikos.com.br/article/10.5281/zenodo.14096424/pdf/periferica-1-1-6733b475a953951bd21ccc52.pdf>
- Bâ, A. H. (1979). *A palavra, memória viva da África*. Editora UNESCO.
- Balbi, L., Lessa, M., & Becker, P. (2009). A psicanálise é leiga: da formação do psicanalista. In Alberti et al. (Orgs.), *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação* (Coletânea criada na Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, pp. 40-45). Casa do Psicólogo. <https://www.circulopsibahia.org.br/oficiodopsicanalista.pdf>

- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Bispo, F. S. (2023). Escrivência como metodologia de pesquisa em psicanálise. *Ágora*, 26, e273037. <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2023-016>
- Braga, A. P. M., & Rosa, M. D. (2018). Articulações entre psicanálise e negritude: desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identificatórios. *Revista da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 10(24), 89-107. <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/575>
- Broide, E. E. (2022). A transmissão da psicanálise e os grupos. *SIG Revista de Psicanálise*, 11(1), 73-82. <https://doi.org/10.59927/sig.v11i1.9>
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. Civilização Brasileira.
- Canavêz, F., & Jardim, R. M. (2024). Psicanálise dá samba?. *Revista Espaço Acadêmico*, 24(244), 130-139. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/68753>
- Cidade, W. M. C. F. (2022). Questões raciais e formação psicanalítica: é tudo para ontem. *Jornal de Psicanálise*, 55(103), 141-148. <https://doi.org/10.5935/0103-5835.v55n103.13>
- Cunha, M. (2023, 20 de dezembro). Enredo e Samba: Imperatriz busca o bicampeonato com a força da cultura cigana e seus mistérios. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2024/noticia/2023/12/20/enredo-e-samba-imperatriz-busca-o-bicampeonato-com-a-forca-da-cultura-cigana-e-seus-misterios.ghtml>
- Derrida, J. (2001). *Estados-da-alma da Psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta.
- Elia, L. (1999). A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3). <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300015>

- Estevão, I. R., & Coaracy Neto, A. R. (2024). Coletivos de psicanalistas: pé dentro, pé fora de movimentos sociais. *PLURAL - Revista De Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p06.
<https://doi.org/10.59099/prpub.2024.74>
- Evaristo, C. (2020). A Escrivivência e seus subtextos. In C. L. Duarte, C. L., & I. R. Nunes, (Orgs.), *Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (pp. 26-47). Mina Comunicação e Arte. <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora.
- Fernandes, M. I. A., & Hur, D. U. (2022). Psicanálise, grupo e teoria da técnica: conselhos ao jovem coordenador de grupos. *Psicologia USP*, 33, e190078.
<https://doi.org/10.1590/0103-6564e190078>
- Figueiredo, A. C. (2008). Psicanálise e universidade: reflexões sobre uma conjunção ainda possível. *Fractal Revista de Psicologia*, 20(1), 237-252.
<https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000100022>
- Figueiredo, A. C. (2012). Os PPPês: profissionais “psi” nos serviços de saúde mental. In A. M. Jacó-Vilela, A. C. Cerezzo, & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* (pp. 107-123). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
<https://books.scielo.org/id/hkyyb/pdf/jaco-9788579820618-15.pdf>
- Freud, S. (1919/2010). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?. In S. Freud, *Obras Completas Volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer, e outros textos (1917-1920)* (P. C. de Souza Trad., pp. 242-245). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1926/2006). A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. In S. Freud, *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, Análise leiga*

e outros trabalhos (1925-1926) (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX, pp. 112-164). Imago Editora.

Freud, S. (1937/2017). A análise finita e a infinita (1937). In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch Trad., pp. 239-275). Autêntica.

Kilomba, G. (2019). *Desobediências poéticas*. Pinacoteca de São Paulo.

Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (2012, 29 de agosto). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Presidência da República.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm

Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023 (2023, 13 de novembro). Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. Presidência da República.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114723.htm

LIESA (2023). Sinopse G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense 2024 - "Com a sorte virada pra lua, segundo o testamento da cigana Esmeralda". Seção Memória.

<http://liesa.org.br/memoria/outros-carnavais/2024/imperatriz/enredo.html>

Lopes, N., & Simas, L. A. (2023). *Dicionário da História Social do Samba*. Civilização Brasileira.

Martins, A. C. B. L. (2020). A formação (em psicologia) do psicanalista. *Associação Universitária de Pesquisa em Psicologia Fundamental*, 1-8.

https://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Ana-Carolina-Borges-Le%C3%A3o-Martins_TRAB-PSICOP-FUND-CAROL.pdf

- Menezes, L. S. (2010). Um recorte psicanalítico sobre a precarização do trabalho. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 30(79), 484-501.
<https://www.redalyc.org/pdf/946/94615412018.pdf>
- Mignolo, W. D. (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94), e329402. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>
- Ministério da Educação (2023, 20 de novembro). Sisu será alterado com nova Lei de Cotas: Ministério da Educação adotará mudanças na próxima edição do processo seletivo do Sistema de Seleção Unificada, previsto para janeiro de 2024. Governo Federal.
<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/sisu-sera-alterado-com-nova-lei-de-cotas>
- Mombaça, J. (2019). *Não vão nos matar agora*. Cobogó.
- Morais, R. A. O., & Kupermann, D. (2024). Sobre a institucionalização da psicanálise no Brasil: Transformações. *Jornal de Psicanálise*, 57(107), 197-212.
<https://doi.org/10.5935/0103-5835.v57n107.14>
- Nogueira, F. R. C., & Bernardo, M. H. (2013). Trabalho, sofrimento e as narrativas de alguns psicanalistas. *Analytica: Revista De Psicanálise*, 2(3), 101–122.
<http://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/465>
- Pacheco Filho, R. A. (2022). A uberização do psicanalista e os perigos para a Psicanálise e a Escola: do amor pelo saber à paixão da ignorância. *Stylus Revista de Psicanálise*, 1(45), 37-47. <https://doi.org/10.31683/stylus.v1i45.1010>
- Perdomo, M. C., & Saleme, M. H. (2009). Regulação e perversão. In Alberti et al. (Orgs.), *Ofício do analista: formação versus regulamentação* (Coletânea criada na Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, pp. 46-53). Casa do Psicólogo.
- Pereira, C. (2025). E a identidade branca? Um diálogo sobre branquitude e psicanálise. *Correio APPOA*, 12(10).

https://appoa.org.br/correio/edicao/358/e_a_identidade_branca_um_dialogo_sobre_branquitude_e_psicanalise/1710

- Pereira, N. M., & Kessler, C. H. (2016). Reflexões acerca de um início: psicanálise e clínica na universidade. *Psicologia em Revista*, 22(2), 469-485. <https://doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P469>
- Poli, M. C. (2008). Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. *Estilos da Clínica*, 13(25), 154-179. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000200010
- Rocha, M. O. M., Vasconcelos, A. K. P., Silva, L. A., & Torres, K. S. (2025). A formação do analista no CEP do Cuidado: travessias do início da clínica na universidade pública. In G. A. Leite, P. M. Farias, C. R. B. Souza, & K. P. H. Martins (Orgs.), *Clínica, Estética e Política do Cuidado: Percursos com a psicanálise na universidade pública* (pp. 175-190). Expressão Gráfica e Editora.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008
- Rosa, P. U. (2013). O caráter composicional dos carros alegóricos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. *Textos Escolhidos De Cultura e Arte Populares*, 10(2). <https://doi.org/10.12957/tecap.2013.10222>
- Santos, M. (2005). O retorno do território. *Observatorio Social de América Latina (OSAL)*, 6(16), 251-261. <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20110312110406/32Santo.pdf>
- Simas, L. A. (2024). *O corpo encantado das ruas*. Civilização Brasileira.
- Simas, L. A., & Rufino, L. (2020). *Encantamento: sobre política de vida*. Mórula Editorial.

- Soares, M. R. N., Miranda, L. L., & Oliveira, M. C. N. (2024). Diários-escrevintes: notas po(ética)s COM jovens pesquisadoras/es do seu cotidiano escolar. *Paralelo 31, 1*(22), 30. <https://doi.org/10.15210/p31.v1i22.28914>
- Sousa Neto, R. C., & Barros, J. P. P. (2025). Trajetórias mais pretes que nunca: caminhos de de(s)colonização da formação em Psicologia. *Revista de Psicologia, 16*, e025007. <https://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/94688>
- Trevisol, J. V., Bello, J. C. D., & Nierotka, R. L. (2023). A lei de cotas e a mudança no perfil dos ingressantes das universidades federais brasileiras. *Série-Estudos, 28*(64), 155-183. <http://dx.doi.org/10.20435/serieestudos.v28i64.1784>
- Tupinambá, G. (2014). A psicanálise é um trabalho? Uma profissão impossível e o conceito marxista de trabalho. *Revista Tempo Psicanalítico, 46*(1), 27-43. <https://doi.org/10.71101/rtp.46.4>
- Tupinambá, G. (2024). *O desejo de psicanálise: exercícios de pensamento lacaniano*. Boitempo.
- Vaz, L. S. (2022). *Cotas raciais (Coleção Feminismos Plurais)*. Jandaíra.
- Veras, A. E. (2025). *Escrevivências entre-mundos: práticas de sustentação da vida de pessoas negras e periféricas na sua relação com o candomblé*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Repositório Institucional da UFC [no prelo].
- Zeca Pagodinho (1997/2018). *O Dono Da Dor* [Video]. Concedido ao YouTube pela Universal Music. <https://www.youtube.com/watch?v=cLTFRfQULpE>

Apêndices

Apêndice A - Carta aos analistas cotistas: um convite à partilha do que vem sustentando nossos percursos em (form)ações afirmativas

Escrita endereçada a Grande Rio, Tijuca, Mangueira, Tuiuti, Vila Isabel, Salgueiro, Viradouro, Portela, Beija-Flor, Mocidade, Imperatriz e Estácio.

Gosto muito da psicanálise, mas ela é mesmo pra mim? Qual o ponto de partida da formação? Posso dizer que sou analista? Minha autorização basta? Como vou começar a clínica? E o tripé? E os primeiros analisandos, de onde virão?

Esses questionamentos e outros mais se multiplicam ao me situar enquanto corpo cuja relação com a psicanálise é marcada pela experiência das ações afirmativas. Ingressei na graduação em psicologia pela política de cotas nas universidades públicas, e hoje no 9º semestre desse curso consigo perceber que o ingresso é apenas o primeiro dos momentos onde nós, cotistas, nos depararemos com uma marcação da diferença no âmbito da formação. Seja no espaço da sala de aula, na composição de núcleos ou nos eventos extracurriculares, a condição de cotista se reafirma, ora pela impossibilidade de acesso por ser cotista, ora pelo custoso destaque nesses espaços que é acompanhado por um “apesar de”. Apesar de cotistas, apesar de negres, apesar de pobres. Quais os apesares da nossa presença? “Estamos aqui em cotas”, e o quanto pagamos por isso?

Há uma peculiaridade no ensino da disciplina psicanalítica que por vezes se apresenta como um produto valioso com uma embalagem difícil de abrir, mas que por alguma razão chama a atenção (pulsão, desejo, inconsciente... conceitos apetitosos, mas acessíveis aos nossos pratos?). Aqui entram algumas marcas da diferença. A quem é possibilitado o investimento de tempo e acesso a recursos para “desvendar o enigma psicanalítico”? E depois que essa embalagem se desfaz, que destino dar ao conteúdo revelado?

Essas reflexões pulsam na minha trajetória e se encontram na forma de angústia partilhada com colegas também cotistas que, encarando o (insistente) desejo de desenhar uma clínica psicanalítica, se deparam com a questão: que condições permitem sustentar o nosso desejo de trilhar um percurso formativo? Que caminhos, institucionais ou alternativos, nos aguardam na constituição de uma escuta orientada pela psicanálise na cidade de Fortaleza? Se há uma rota na trama de circulação simbólica do que se constitui enquanto comunidade psicanalítica, de que modo nosso “desejo de psicanálise” ressitua esse circuito e nossos corpos-analistas-pesquisadores podem fraturar os esquemas brancos cisheteropatriarcais que nos cristalizaram na posição reducionista de alvos dos benevolentes valores sociais?

..... (Esse foi eu parando pra respirar depois dessa ruma de questões).

O fato é que tantos questionamentos poderiam ficar guardados na forma de angústia, mas viraram algo que, talvez, possa ter uma potência maior: se transformaram em desejo de pesquisa. O campo da pesquisa, em especial da pesquisa em psicanálise, pode - pela via da transferência - produzir novas interrogações, e, com alguma sorte, apontar caminhos em coletivo para uma problemática posta no laço social. Assim, essa carta é um convite para a composição de um grupo que objetiva investigar as estratégias de sustentação de percursos formativos em psicanálise a partir da experiência das ações afirmativas.

Assim, mais do que denunciar os pactos que sustentam a elitização e o embranquecimento das práticas psicanalíticas, busca-se por meio do encontro com esses outros-analistas-cotistas a identificação, mas também a elaboração da diferença radical que permite caminhos singulares e estilos autorais na constituição de uma clínica em psicanálise. Há aqui a intenção de construir um espaço de acolhimento para medos, frustrações, desafios, mas sobretudo a fertilização de possibilidades de clínicas periféricas, antirracistas, encantadas. O encantamento aqui defendido tem como fundamento uma política de vida, que se sustenta sobre bases contracoloniais, e assim

inventa exercícios analíticos que insistem em se formar em ação, e se fazer afirmativamente. Sejam os que encantam, enfeitiçam e brincam com a psicanálise, sonhando com uma realidade em que o desejo baste, mas enquanto não, que façamos barulho para que não coloquem cotas no desejo insistente em nós.

Partindo desse lugar de convite, proponho nos encontrarmos durante o mês de agosto em 3 momentos, visto que é o mês de férias acadêmicas da UFC e, portanto, um período em que há uma disponibilidade maior de horários. Minha sugestão é que tenhamos esses momentos nas quintas-feiras (dias 17, 24 e 31 de agosto), no período da manhã (10h às 12h). No entanto, essa possibilidade está em aberto, pois entendo as especificidades de quem não estará de férias e pode ter outros compromissos. Vou deixar o link da planilha abaixo para que marquem os dias e horários que possam estar presentes. Peço que respondam até o fim dessa semana, de modo que eu possa adiantar a solicitação de reserva do espaço, que será na Sala do VIESES, bloco Helena Cartaxo, no Centro de Humanidades II da UFC.

Link - Planilha

Se tiver dúvidas ou outras sugestões de horários, pode me contatar pelo WhatsApp, Instagram, ou pelo e-mail: camilosaugusto@gmail.com

Abraços e aguardo o retorno de vocês. Até lá!

Assim está lançada a tarefa do encantamento: afirmar a vida neste e nos outros mundos — múltiplos feito as folhas — como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo.

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, em *Encantamento: sobre política de vida* (2020).